



Jorge Luiz Costa Sales Sá

**Identidade e História n'Os Sertões de
Euclides da Cunha**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao programa de
Pós-Graduação da PUC-Rio como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre em Filosofia

Orientador: Prof. Dr. Pedro Duarte de Andrade

Rio de Janeiro

Julho de 2025



Jorge Luiz Costa Sales Sá

**Identidade e História n'Os Sertões de
Euclides da Cunha**

Dissertação apresentada ao programa de
Pós-Graduação da PUC-Rio como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre em Filosofia da PUC-Rio.

Prof. Dr. Pedro Duarte de Andrade

Orientador

Departamento de Filosofia — PUC-Rio

Prof. Dr. Eduardo Wright Cardoso

Departamento de História — PUC-Rio

Prof. Dr. Pedro Sússekind Viveiros de Castro

Departamento de Filosofia — UFF

Rio de Janeiro, 09 de Julho de 2025

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e do orientador.

Jorge Luiz Costa Sales Sá

Graduou-se em licenciatura em Filosofia pela PUC-Rio em 2021

Ficha Catalográfica

Sá, Jorge Luiz Costa Sales

Identidade e história n'Os Sertões de Euclides da Cunha /
Jorge Luiz Costa Sales Sá ; orientador: Pedro Duarte de
Andrade. – 2025.

92 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro, Departamento de Filosofia, 2025.

Inclui bibliografia

1. Filosofia – Teses. 2. Os Sertões. 3. Reviravolta de
opinião. 4. Euclides da Cunha. I. Andrade, Pedro Duarte de. II.
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento
de Filosofia. III. Título.

CDD: 100

AGRADECIMENTOS

Durante o conturbado momento da quarentena coletiva, onde descobri cada detalhe presente na casa de minha avó, achei uma coleção de livros que meu avô havia deixado para a posteridade após falecer. Dentre eles, uma edição de *Os Sertões*, de um clube de leitura do qual era assinante na década de 70. Foi nesta edição que tive meu primeiro contato não só com os escritos de Euclides da Cunha, como com escritos de meu avô sobre literatura. Lá constam considerações que ele não pôde me contar diretamente, em decorrência do Alzheimer, mas que os livros se encarregaram de me presentear. Meu grande agradecimento vai para ele: Ailton Sales Sá.

Durante minha incansável pesquisa — que neste ano completa 4 anos —, tive a colaboração de diversas pessoas das quais nutro muito carinho, respeito e gratidão. Portanto, meus mais sinceros agradecimentos ao meu seio familiar: minha avó Lea, minha mãe Simone, meu pai Cleber, meu padrinho Robson e meu tio Ailton.

À minha amada companheira Luíza, que há 7 anos me traz amor e luz.

Aos meus amigos, que durante esta jornada encarregaram-se de me auxiliar com coisas das mais básicas às mais complexas, com uma generosidade invejável: Júlia Novaes, Felipe Gall, Tobias Marcondes, Matheus Baliú, Thaissa Oliveira, Marcello Capello e Theo Villaça.

Ao meu orientador Pedro Duarte e à minha banca composta por Pedro Sussekind e Eduardo Wright, e aos professores Luisa Buarque, Remo Mannarino Filho, e Pedro Merluzzi, que sempre me acolheram de forma assustadoramente amorosa.

À Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, que me abriu as portas desde a graduação até o fim deste mestrado, com isenção total das mensalidades.

À CAPES, cujo financiamento viabilizou minha permanência durante esses 24 meses de pesquisa.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

RESUMO

Sá, Jorge Luiz Costa Sales; Andrade, Pedro Duarte de (Orientador)
Identidade e história n'Os Sertões de Euclides da Cunha / Rio de Janeiro, 2025. 92 p. Dissertação de Mestrado — Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

A presente dissertação tem o propósito de estudar a dimensão filosófica daquilo que a crítica literária Walnice Nogueira Galvão chamou, na obra de Euclides da Cunha, de “reviravolta de opinião”, ou seja, a percepção, por parte do escritor, da inadequação de categorias comuns ao positivismo e evolucionismo para interpretar os acontecimentos e conflitos políticos do Brasil. A obra *Os Sertões* seria um registro literário dessa reviravolta – o momento em que Euclides passa a enxergar uma singularidade no fenômeno nacional, e passa a considerar deletério o viés interpretativo que via em Canudos “a nossa Vendéia”. Além de livro-denúncia contra a vilanização dos conselheiristas, *Os Sertões* é um documento sobre a necessidade de um pensamento enraizado para pensar as questões do Brasil, e que, acompanhado da interpretação dos artigos que sucederam sua publicação, revela uma mudança epistemológica que muito contribuiu para o debate intelectual de sua época.

PALAVRAS-CHAVE:

Os Sertões; Reviravolta de Opinião; Euclides da Cunha

ABSTRACT

Sá, Jorge Luiz Costa Sales; Andrade, Pedro Duarte de (Advisor) **Identity and History in *Os Sertões* by Euclides da Cunha** / Rio de Janeiro, 2025. 92 p. Dissertação de Mestrado — Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

This project aims to study the philosophical dimension of what the literary critic Walnice Nogueira Galvão called a "reversal of opinion," that is, the writer's perception of the inadequacy of categories common to positivism and evolutionism to interpret the political events and conflicts in Brazil. The literary work *Os Sertões* would be a record of such reversal — the moment when Euclides begins to see a kind of singularity in the national phenomenon and starts to consider the interpretative bias that saw Canudos as "our Vendée" to be deleterious. In addition to being a denunciation against the vilification of the followers of Conselheiro, *Os Sertões* is a document on the need for a rooted thought to address the issues of Brazil, and, accompanied by the interpretation of the articles that followed its publication, reveals an epistemological change that greatly contributed to the intellectual debate of its time.

Keywords;

Backlands; Reversal of Opinion; Euclides da Cunha

SUMÁRIO

1. Introdução	10
2. A construção intelectual: momentos antes da guerra	13
2.1. Breve biografia	13
2.2. Racismo, evolucionismo e a categoria geográfica que Hegel não citou	23
2.3. Revolução Francesa enquanto categoria universal: A nossa Vendéia	35
3. A reviravolta de opinião: Antônio Conselheiro e os Sertões	44
3.1. Agora correspondente: ida a Canudos e abandono de ideias no sertão	44
3.2. A mudança de opinião na análise do Conselheiro e de Canudos	59
3.3. O livro vingador enquanto síntese da mudança	70
4. Considerações finais: tudo em volta está deserto	83
5. Referências bibliográficas	87

*O 'progresso' é apenas uma ideia moderna,
ou seja, uma ideia errada.*
Nietzsche, Friedrich. *O anticristo*.

*mas como geme um homem atingido pelo desenvolvimento geral e
pela civilização europeia, um homem que renunciou ao solo e aos princípios
populares.*
Dostoiévski, Fiódor. *Memórias do Subsolo*.

*Não é desprezo pelo o que é nosso, não é desdém
pelo o meu país. O país real, esse é bom, revela os melhores
instintos; mas o país oficial, esse é caricato e burlesco.*
DE ASSIS, Machado. *Diário do Rio, 1861*

1. INTRODUÇÃO

Nietzsche relatou a um amigo que havia achado um exemplar de *Memórias do Subsolo*, de Dostoiévski, em uma livraria, e que ficara muito animado com aquilo que ele dizia ser a materialização da “voz do sangue”¹. Os escritos de Euclides da Cunha — contemporâneo tanto de Nietzsche quanto de Dostoiévski — nos fazem, seguramente, experimentar a sensação que Nietzsche tanto prezara com o personagem “sem nome” do autor russo: Euclides fala através da voz do sangue, do impulso, do ímpeto, do desejo, da vontade e do combate. Da leitura de *Os Sertões* podemos concluir, pela estrutura narrativa de seu autor, que o tema central é a *menis*. É a cólera de quem, como Homero, viu dignidade no inimigo massacrado². Como Euclides mesmo relatou, na nota à 2ª edição do livro, ele não teve intuito de defender os sertanejos, pois *Os Sertões* não é um livro de defesa; é, antes — e infelizmente —, um livro de ataque³.

Uma das possibilidades que justificariam o caráter vingativo do livro poderia ser pensada pela pouca idade do autor quando escreveu a obra. Em *História e Interpretação de Os Sertões*, Olímpio de Souza Andrade diz que Euclides, um repórter que voltava triste “em meio às manifestações de regozijo do país inteiro”, ainda não tinha a maturidade necessária para o livro que o consagraria às cátedras da literatura universal, mas que, entretanto, o realizou⁴. Talvez por isso, por ser um livro de um autor ainda imaturo, que *Os Sertões* tenha sido capaz de vencer a barreira do tempo, se tornando um clássico desde seu nascimento. Isso se deve não apenas a atualidade dos temas que traz, mas também a capacidade de engajamento

¹ CF: DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Memórias do subsolo*. Tradução de Boris Schnaiderman. 6. ed. São Paulo: Editora 34, 2009, p. 9.

² GALVÃO, Walnice Nogueira. *Euclidiana: ensaios sobre Euclides da Cunha*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pág. 44.

³ CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Edição crítica e organização de Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Ubu Editora, 2019, p. 560. Neste trabalho, todas as citações serão feitas com base nesta edição, a não ser quando previamente sinalizado.

⁴ ANDRADE, Olímpio de Souza. *História e interpretação de "Os Sertões"*. Organização de Walnice Nogueira Galvão. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2002.

emocional que lhe é próprio, propondo os mais variados sentimentos àqueles que o lêem.

O livro desponta como uma das produções literárias mais importantes da história da cultura brasileira. Uma pesquisa lançada pela *Revista Veja* em 1994, com 15 dos principais intelectuais do país na época — tendo nomes como Roberto daMatta, Luiz Costa Lima e Darcy Ribeiro — mostrou *Os Sertões* como resposta unânime para a pergunta sobre a obra mais importante da cultura nacional. A força do livro levou o grande Gilberto Freyre a sugerir que, Euclides, não só havia penetrado no sertão, como também penetrou o sertão à sua personalidade e ao caráter brasileiro⁵. É curioso pensar que uma das obras mais influentes da cultura brasileira seja justamente um de seus principais documentos de barbárie.

Fruto direto da percepção de uma inadequação, *Os Sertões* expressa a seguinte dicotomia: aquela que seu escritor julgou existir entre a interpretação das correntes de pensamento européias dos acontecimentos históricos e as tensões de fato existentes na Guerra de Canudos, entre os seguidores de Antônio Conselheiro e o Exército Brasileiro. Levando isso em consideração, a presente dissertação tem o propósito de explicitar a dimensão filosófica daquilo que a crítica literária Walnice Nogueira Galvão chamou, na obra de Euclides da Cunha, de “reviravolta de opinião”⁶, ou seja, a percepção, por parte do escritor, da inadequação de categorias comuns ao positivismo, naturalismo e evolucionismo para interpretar os acontecimentos e conflitos políticos do Brasil. A obra *Os Sertões* seria um registro literário dessa reviravolta – o momento em que da Cunha passa a enxergar uma singularidade no fenômeno nacional, e passa a considerar deletério o viés interpretativo que via em Canudos “a nossa Vendéia”. Além de livro-denúncia contra a vilanização dos conselheiristas, *Os Sertões* é um documento sobre a necessidade de um pensamento enraizado para pensar as questões do Brasil, e que, acompanhado da interpretação dos artigos que sucederam sua publicação, revela uma mudança epistemológica que muito contribuiu para o debate intelectual de sua época.

⁵ FREYRE, Gilberto. *Euclides da Cunha*, in: *Os Sertões edição crítica*. 1a edição. São Paulo: Editora UBU, 2019.

⁶ GALVÃO, Walnice Nogueira. *No calor da hora*. Pernambuco: editora CEPE, 2019.

Sendo assim, o seguinte trabalho foi dividido em duas partes: na primeira, busco mapear os caminhos que o autor percorreu durante sua construção epistemológica, indo desde a primeira infância com a morte de sua mãe até momentos antes de escrever seu livro principal. Busquei mapear não apenas as influências conceituais que desembarcaram da França na década de 80 oitocentista, que em última instância se repetiram durante toda a vida do autor, como os conceitos por trás da Revolução Francesa — que se fazem presente mesmo quando ele tenta negá-las, ao fim da vida, por não terem sido capazes de garantir a prosperidade social que prometera —, mas também a influência do pensamento racista que se desenvolvia em uma Europa que via os primeiros Estados-Nação se formando, e que buscavam na história comum de seu povo a gênese do espírito que os guiaria de então em diante, e aqui Euclides conversa com Hegel, Spencer e outros.

Na segunda e última parte, apresento como a chamada “reviravolta de opinião” se deu assim que Euclides se tornou correspondente e foi a Canudos em comitiva do Ministro da Guerra, levando-o a “abandonar ideias no sertão”. Busquei desenvolver como o autor passou a analisar, portanto, a figura principal dos sertanejos, o beato Antônio Conselheiro, e a produção de seu livro como resultado dessa mudança de ponto de vista a respeito do evento, abarcando, assim, a totalidade do que me propus.

O que é interessante notar é que os capítulos não se encerram em si próprios, uma vez que seus temas são retomados nos capítulos seguintes, mesmo para apresentar como ele via antes e como ele passou a ver depois da Guerra de Canudos. A reviravolta de opinião, segundo defendo, se apresenta em sua obra magna não como um simples ato de abandonar ideias e conceitos para criar novos, mas sim, como uma tentativa, do autor, de tensionar tais conceitos para que se submetessem à singularidade dos fatos brasileiros, que tinha na civilização a sua barbárie.

2. CONSTRUÇÃO INTELECTUAL: MOMENTOS ANTES DA GUERRA

2.1 BREVE BIOGRAFIA

Nenhum livro é capaz de fugir das condições em que foi criado — do tempo, da situação social e das ideias em voga —, e muito menos capaz de fugir de seu criador e de como ele percebia todas essas camadas de sua existência. Pensar em *Os Sertões*, no seu caráter fervoroso e, essencialmente, vingativo, é pensar em Euclides da Cunha e em sua personalidade. Muito embora tivesse apenas 31 anos, e muito provavelmente não tivesse a maturidade para uma obra do tamanho que foi a sua⁷, o repórter triste, que destoava do restante da sociedade brasileira — que comemorava infrene o massacre das tropas brasileiras contra os sertanejos de Canudos — se põe em um trabalho de 5 anos para produzir aquela que seria uma das obras mais importantes da literatura brasileira.

Portanto, em um exercício grego de buscar as origens, se mostra mister investigar as origens epistemológicas que forjaram Euclides, e o que representou *Os Sertões* na *psyché* de seu autor, que reorientou todos os seus escritos e toda sua pesquisa a partir disso, tensionando categorias interpretativas tão caras à sua juventude, e submetendo-as aos fatos que se apresentavam à sua frustrante realidade.

Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha nasceu em 20 de Janeiro de 1866, na Fazenda Saudade, de propriedade de seus avós, em Santa Rita do Rio Negro — hoje Euclidelandia —, distrito do município de Cantagalo, no Norte do Estado do Rio de Janeiro. As terras de onde hoje se encontra o município de Cantagalo foram local de intensas disputas territoriais durante

⁷ANDRADE, Olímpio de Souza. *História e interpretação de "Os Sertões"*. Organização de Walnice Nogueira Galvão. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2002. p. 3.

a imigração de mineiros vindos do porto do Rio de Janeiro para aquela região, em busca de ouro. Desde a conquista do local pelos homens brancos — ou como são conhecidos na língua Tupi, “cariocas” —, seus habitantes viveram em grande miséria, até o território ser banhado por cafezais, que deram muito mais riqueza à região que o ouro propriamente. Isso fez com que, pouco antes da independência do Brasil, em 1820, aumentasse consideravelmente o tráfico de escravizados da África para o Rio de Janeiro, para suprir as necessidades de mão de obra das grandes fazendas que surgiam na região.

Euclides nasceu em um período de prosperidade econômica no local, fato que não o impediu de ter vindo com a saúde bastante debilitada pela tuberculose herdada de sua mãe. Pelo risco de não completar seu primeiro ano de vida, seus pais, Manuel da Cunha e Eudóxia Moreira, o levaram várias vezes à casa de sua tia materna, Rosinda, na região Serrana de Teresópolis. O intenso fluxo de viagem e a falta de acesso aos cuidados necessários, tornaram precárias as condições de saúde de Eudóxia, obrigando ela e seu marido a mudarem-se para São Fidélis, após venderem seus bens em Cantagalo. A crença de que o ar mais puro da serra ajudaria na recuperação de doenças pulmonares motivou essa mudança. Pouco tempo depois, a família volta a se mudar, desta vez, para Conceição da Ponte Nova, onde Eudóxia Moreira enfim faleceu, em 1869, quando tinha apenas 27 anos, deixando os dois filhos, Euclides e Adélia, de apenas 3 e 1 anos respectivamente, órfãos. O falecimento de sua mãe levou Euclides, novamente, aos cuidados de sua tia Rosinda, em Teresópolis. Contudo, pouco mais de um ano depois, Rosinda também faleceu, e Euclides e sua irmã, mesmo ainda muito jovens, enfrentaram outra mudança forçada, desta vez para São Fidélis, no leste de Cantagalo, para a casa da Laura Garcez, também irmã de Eudóxia.

Seu pai era filho de cidadãos luso-brasileiros que fizeram fortuna com tráfico de escravizados africanos, vindos de Portugal, em um veleiro cujo nome era “Pestana”. Manuel Rodrigues Pimenta da Cunha, como se chamava, saiu de casa em 1860, após morte repentina do pai e a célere nova nupcia de sua mãe, cujo padrasto, um baiano chamado Joaquim Antônio Pereira Barreto, vira seu desafeto. Após isso, arranja emprego como guardador de livros e auditor das fazendas cafeeiras do Baixo Paraíba,

profissão que o levou a conhecer Eudóxia através de seu pai, Joaquim Alves Moreira, um pequeno fazendeiro de Santa Rita, que lhes dariam como dote de casamento uma pequena fazenda na região.

Em *A vida dramática de Euclides da Cunha*, Eloy Pontes (1938, apud AMORY, 2022, p. 26) conta que no funeral de sua mãe, a postura de Euclides surpreendeu a todos os presentes. O recém órfão, durante seu luto desesperançado, chorou copiosamente abraçado ao seu caixão, por entender que ela seria enterrada viva. A morte de sua mãe viria a perturbá-lo novamente em duas outras oportunidades, mesmo já sendo adulto: uma no caminho para o seu trabalho em São José do Rio Pardo, onde trabalhava na reconstrução de uma ponte que hoje leva seu nome, e outra vez em Manaus, durante o retorno de sua expedição ao Rio Purus. Ele batizou a aparência fantasmagórica de “A Dama de Branco”⁸.

A fazenda dos Garcez, que o jovem e franzino Euclides havia se mudado, era um antigo engenho de açúcar que se tornou cafezal como o restante das fazendas vizinhas. A Casa Grande onde moravam, ficava ao lado de uma senzala com mais de 100 escravos que trabalhavam para a família. Nessa época, Euclides gostava de brincar nas matas desfrutando das belezas sublimes da serra. Sempre muito curioso, também se fazia presente nas conversas entre os correligionários que seu tio, Coronel Magalhães Garcez, recebia em casa com certa frequência e estes, por sua vez, contavam histórias para as crianças que os rodeavam. Euclides se ausentava apenas quando, dentre tais correligionários, surgia um certo fazendeiro famoso por promover horrores no seu tratamento com seus escravizados⁹.

Em 1874, já morador de São Fidélis, Euclides experimentou um grande desenvolvimento intelectual¹⁰ após se matricular no Colégio Caldeira. Este foi um período transformador para o autor, por ter sido exposto a uma educação formal de alta qualidade — característica comum das riquíssimas cidades do Vale da Paraíba — onde a educação clássica era comumente exaltada. O colégio, dirigido por Francisco José Caldeira da

⁸Amory, Frederic. *Uma odisséia nos trópicos*. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo, Ateliê Editorial, 2019. p. 26,

⁹ Este é um dos fatos biográficos que tornam a simples taxação de Euclides como um preconceituoso e racista um tanto espinhosa. CF: de Souza Andrade, Olímpio. *História e Interpretação de Os sertões*. Organização de Walnice Nogueira Galvão. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2002. p. 21.

¹⁰IBID, p. 23.

Silva, um português exilado no Brasil por seus ideais liberais e republicanos, oferecia uma formação literária e filosófica bastante lúdica, que despertou em Euclides o gosto pela leitura e pelo conhecimento, especialmente sobre os autores franceses que “chegavam aos montes nos navios de embarcação” (ANDRADE, 2002, p. 24), como Victor Hugo e alguns dos principais filósofos iluministas. Os anos seguintes salientaram mais, para os que com ele conviviam, a sua inteligência, altivez, e o seu retraimento. Agora, Euclides dedicava-se a outro mundo, o dos livros, e, através deles, com a otimista *Belle Époque*, que chegava aqui de Paris com suas notícias entusiasmadas e promessas redentoras.

O historiador Alberto Ribeiro Lamego diria mais tarde que “foi esta opulência que afrancesou a cultura carioca” (LAMEGO, 1953, apud ANDRADE, 2002, p. 24). Nas bibliotecas dos clubes, como nas ricas vivendas daquela época, podiam ser lidos, além dos poetas e romancistas nacionais mais em voga, Voltaire, Rousseau, Montesquieu, Lamartine e Musset, cujas ideias, misturadas mais tarde às de Comte, Spencer, Gumpłowicz e Taine legaram ao jovem intelectual as inquietações filosóficas imprescindíveis a sua vida literária posterior.

A vida no interior e as diversas mudanças que viveu marcaram para sempre a vida do escritor. Não são comuns seus escritos a respeito da primeira fase da sua vida; contudo, a região onde viveu, no Vale, aparece com frequência em seus livros mais antigos, cartas e, principalmente, em sua mais famosa obra¹¹. Foi neste oceano montanhoso tomados pelos cafezais, que se alternam entre picos e precipícios, e onde se encontram os famosos Dedo de Deus, Cabeça de Frade e o Itatiaia, que Euclides viveu todos os momentos de sua primeira infância, dos zero aos doze anos, e que guarda com saudosismo romântico, como mostra sua correspondência entusiasmada com Lúcio Mendonça, que lhe escrevera de Teresópolis: “ela (a carta) vem de uma terra sagrada para mim, onde passei os mais verdes anos e me criei; de sorte que a adorável vila forma o cenário mais longínquo das minhas recordações e das minhas saudades”.¹²

¹¹ Segundo Olímpio de Souza Andrade, *Os Sertões* é “antes de tudo, a natureza agindo, sobremaneira, sobre as sociedades mais simples dos rudes e bons”. IBID, p. 11.

¹² Carta a L. de Mendonça. Lorena, 22 mar. 1903. In: W. N. Galvão e O. Gallotti. (Orgs.), *Correspondência Euclides da Cunha*, p. 158.

Não muito tempo depois, Machado de Assis escreve para ele de Nova Friburgo, e a carta causa verdadeiro frenesi em Euclides, então em São José do Rio Pardo, que responde da seguinte maneira:

“O sr. está numa cidade que vi na mais remota juventude, e bem perto do pequeníssimo vilarejo onde nasci — Santa Rita do Rio Negro. Não o conheço mais. Mesmo dessa encantadora Nova Friburgo tenho impressão exagerada. Foi a primeira cidade que eu vi; conservo-lhes, neste rever na idade viril, uma impressão de criança, imagem desmensurada de uma quase Babilônia. Calcule, portanto, quantas emoções me despertou a sua carta! Recebo-a em plena faina do meu triste ofício, e para logo olvidando não sei quantos requerimentos e reclamações, andei a vadiar galhardamente no passado. E foi uma consolação: vi-me por algum tempo fora desta agitação dispersiva em que ando metido”.¹³

Nessas citações podemos ver o autor ressaltando apenas as paisagens idílicas da qual se lembra, nunca as pessoas, parentes ou amigos, o que pode demonstrar os problemas que enfrentou durante a vida a respeito da pouca socialização que desenvolveu. De tipo muito tímido, o autor chega a se lamentar pelas suas características interioranas com amigos, fato que nunca o deixou, mesmo após tanto tempo morando na cidade: “sempre fui um tímido; nunca perdi esse traço de ‘filho da roça’ que me desequilibra intimamente”¹⁴.

Sua paixão pela natureza e as característica bucólicas de seus escritos se farão presentes já em seu artigo de estréia, *Em viagem*, publicado quando tinha apenas 18 anos no jornal estudantil *O democrata*, que criara com amigos de um colégio carioca ao qual se matriculou aos 17 anos e onde conheceu Benjamin Constant: o Colégio Aquino. Neste artigo, Euclides denunciava o progresso por “envelhecer a natureza”, que era nutrida de “canções, auroras e perfumes”. Esse progresso seria representado pela figura das *Tramways* que cortavam a Mata Atlântica e impediam sua plena contemplação do “claro-azul da floresta”, a “tela da natureza esplêndida”, durante seus passeios de bonde. E completa: “tudo isso me revolta”:

“Ah! Tachem-me muito embora de antiprogressista e anticivilizador; mas clamarei sempre e sempre: — o progresso envelhece a natureza, cada linha do trem de ferro é uma ruga e longe não vem o tempo em que ela, sem seiva, minada, morrerá! E a humanidade, não será dos céus que há de partir o grande “Basta” (botem *b* grande)

¹³ Carta a M. de Assis. Santos, 15 fev. 1904. In: IBID., p. 196-7.

¹⁴ Carta a L. Mendonça, 1904. In: IBID., p. 193-4.

que ponha fim a essa comédia lacrimosa a que chamam vida; mas sim de Londres; não finir-se-á o mundo ao rolar a última lágrima e sim ao queimar-se o último pedaço de carvão de pedra...”¹⁵

Matriculou-se no Colégio Aquino em 1883. Lá teve aulas de matemática com Benjamin Constant, que certamente foi uma das pessoas que mais influenciaram sua formação. Constant, que já era uma figura proeminente na política e nas ciências no Brasil, passou a ser uma grande referência para Euclides. Ele ficou fascinado por suas aulas de matemática, que eram bastante concorridas, com muitos alunos assistindo de forma muito interessada. O próprio diretor do colégio, João Pedro de Aquino, assistia às aulas. Euclides também teve aulas de História Universal com Teófilo das Neves Leão, que o inspiraram a escrever quatro poemas dedicados a figuras da Revolução Francesa, como Danton, Marat, Robespierre e Saint-Just. Esses poemas revelavam sua profunda admiração pelos jacobinos, uma tendência que o acompanharia até o fim da vida.

Após a formatura no Colégio Aquino, Euclides se dedicou ao curso preparatório da Escola Politécnica durante um ano e, por questões financeiras, aos 20 anos, matriculou-se no Colégio Militar da Praia Vermelha após aprovação no concurso. O ensino militar, de orientação marcadamente positivista, levaria Euclides e seus colegas a simpatizarem com a causa abolicionista, que era agitada, em artigos de jornal e em comícios e manifestações, por Joaquim Nabuco, José do Patrocínio, André Rebouças e Luís Gama. A denúncia dos horrores do tráfico e a exposição da crueldade dos senhores, comuns na poesia romântica onde Castro Alves foi expoente, evocavam temas caros aos estudantes e jovens idealistas: a perda de raízes, a nostalgia das origens e a ausência de liberdade. Os colegiais e recém-egressos, que os veteranos chamavam de bichos e que os professores e diretores dos internatos e escolas militares submetiam a dura disciplina, também se sentiam cativos, como os escravos sofredores e rebeldes presentes na obra *O navio negreiro*.

Sua postura política foi sendo construída desde a leitura dos primeiros franceses, e terminou fortemente influenciada por sua interação com Neves Leão e Benjamin Constant, dos quais, o último reencontrou no

¹⁵ “Em viagem”. In: *O democrata* (Rio de Janeiro), 4 abr. 1884. Republ. em *Obra completa*, v. 1, p. 567.

Colégio Militar. Constant não só lhe transmitiu conhecimentos sobre matemática e ciência, como também deixou uma marca significativa em sua visão política e ideológica. A trajetória de Euclides, que passou a se identificar com ideias republicanas e abolicionistas, reflete o impacto de seus mestres e a fervorosa busca por justiça social.

O espírito romântico que guiava suas ações transparece não só nas suas obras, mas também em suas atitudes e decisões pessoais. Desde a sua juventude, era possível notar seu espírito influenciado pela geração idealista a qual fazia parte, que acreditava em ideais elevados e na transformação radical da sociedade. Isso se evidenciou em diversos momentos de sua vida, mas ganhou contornos extremos com seu protesto solitário contra a Monarquia em novembro de 1888 na Escola Militar, fato que resultou em sua expulsão um mês depois e que ganhou amplitude em toda a capital, tornando-o não apenas conhecido, como alvo de críticas de figuras importantes, como a do abolicionista e então deputado, Joaquim Nabuco.

Entre seus principais biógrafos a motivação para tal ato é bastante controversa. Conta Frederic Amory que o ato de insubordinação foi causado em protesto à retenção dos cadetes após desembarque de Lopes Trovão no porto do Rio, um dos principais propagandistas do Brasil na oportunidade, vindo da Europa¹⁶. O comandante da Escola Militar, então, buscando manter a ordem e para impedir que os cadetes se juntassem aos civis nas docas, confinou-os e, em deliberação junto a Tomás Coelho, então Ministro da Guerra, e do senador Silveira Martins, cujo filho era um dos alunos, obrigou-os a desfilar diante deles, em um “teste evidente da lealdade dos cadetes ao governo imperial”¹⁷. Nenhum aluno saiu da formação, até a passagem do pelotão de Euclides, do qual este era o chefe, quando o próprio se dirigiu até o ministro e tentou, com o próprio joelho, quebrar a lâmina de sua espada; sem a obtenção do sucesso, tacou-a a seus pés, bradando palavras de protesto.

A simples análise do incidente, de forma isolada, não seria suficiente para afirmar que este havia sido motivado com fins revolucionários, mas antes, por uma simples insubordinação ligada a uma estafa por parte do

¹⁶Amory, Frederic. *Uma odisséia nos trópicos*. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo, Ateliê Editorial, 2022. p. 43.

¹⁷IDEM.

tenente-cadete e chefe de pelotão. Este fato, inclusive, levou o então ministro e as autoridades da Escola Militar a enviarem-no para a enfermaria da escola e, depois, ao hospital do Exército no Morro do Castelo para devidos exames. Contudo, o autor que sentia demasiada dificuldade em segurar a própria raiva se manteve intransigente, recusando-se a admitir que tal ato fora motivado por questões não-rationais, mantendo-se, em silêncio e de pé, por horas a fio, num pátio do hospital, como prova de estar em posse das suas faculdades mentais. Euclides foi enviado à Fortaleza de São João, de onde saiu por decisão do imperador do Brasil, D. Pedro II, que cedeu aos pedidos de sua família. Ao invés da força, pena prevista para casos como esse, Euclides foi afastado do exército por 1 ano.

Em uma tarde de abril de 1906, Euclides segredou a um amigo as intenções por trás de seu ato: aparentemente, seis outros cadetes e ele planejaram o sequestro do ministro e do senador para instaurar a Revolução Republicana: “Nosso plano para 13 de novembro de 1888 era revoltar toda a Escola, aí prender o ministro da Guerra lá e bater em marcha depois para São Cristóvão [o palácio imperial], onde prenderíamos também o Imperador”¹⁸. Contudo, nenhum dos outros conspiradores gritaram, sequer, o “Viva!”, brado comum entre os republicanos, e isso certamente irritou Euclides, que pode ter direcionado o ato contra os colegas, cuja relação era precária pela índole correta do autor, em contrapartida a dos outros¹⁹.

O fato é que o autor consumou o intento e entrou para o imaginário republicano como herói; uma vez proclamada a república, obteve de volta seus direitos políticos e conseguiu retornar à Escola Militar, se formando engenheiro em 1892. A essa altura, o autor despontava já como uma das grandes vozes do movimento republicano brasileiro, agora não mais pelo fato envolvendo o ministro, mas também por seus artigos em que se posicionava abertamente contra a monarquia no então reduto republicano de

¹⁸ Conversa com Gastão da Cunha, citada em de Souza Andrade, Olímpio. *História e Interpretação de Os sertões*. Organização de Walnice Nogueira Galvão. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2002. p. 39

¹⁹ Frederic Amory relata que Euclides costumava se manter afastado dos colegas; mesmo quando os acompanhou a um bordel, abandonou-os “às pressas” sem manter nenhuma relação sexual. Prossegue dizendo que os colegas eram contumazes arruaceiros, tendo feito coisas como a petição para trocar o nome da Rua do Ouvidor por “Rua Victor Hugo”, filosofavam, cantavam serenatas à mocinhas na praça da igreja, e, quando punidos por algum delito, cortavam a crina e a cauda do cavalo branco do ajudante, quando não o cobria com tinta verde ou preta. CF: Amory, Frederic. *Uma odisséia nos trópicos*. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo, Ateliê Editorial, 2022. p. 40.

São Paulo, o jornal *Província de São Paulo*, já tendo publicado os famosos textos *A Pátria Dinastia*, *Questões Sociais*, *Revolucionários I e II* e a série de oito artigos intitulada *Atos e Palavras*. Menos entusiasmados são seus artigos que vieram após a proclamação da República, mas isso não desagradou o Governo que, pelo contrário, o surpreendeu.

Em julho de 93, após ter sido nomeado assistente de ensino teórico na Escola Militar, Euclides recebeu um “bilhete íntimo”²⁰ de um oficial-de-gabinete chamado Pinto Peixoto, da Presidência da República que, por ordem do próprio Presidente, devia buscar Euclides para uma palavra:

“Era Floriano Peixoto, fazendo uma pausa no traçado de seus planos de estratégia, saindo de seu aparente desinteresse por tudo o que o rodeava, que se lembrava e desejava falar ao jovem articulista lutador pela causa republicana.

Mas falar-lhe o que? Que assunto o Presidente da República, assoberbado por acontecimentos nada tranquilizadores, desejaria abordar com quem se encontrava cá fora, no seu cargo sem relevo, lutando com seus probleminhas pessoais?”²¹

Nesta carta, enviada a Lúcio Mendonça em 1904, conta que chegou na sala com seu jeito sempre tímido, de farda de 2º tenente, atrapalhado com a espada. Encontrou o marechal à vontade, com sua filha mais velha, D. Ana, manuseando a máquina de costura. Ao vê-lo fardado, Floriano o intimou: “Veio em ar de guerra... não precisava fardar-se. Vocês aqui entram como amigos e nunca como soldados”²², palavras que, segundo Euclides, decorara textualmente. O fato é que o Marechal de Ferro, então presidente da República, gostaria de oferecer a Euclides — devido ao seu entusiasmo com a República e ao seu pretérito já citado — uma posição em seu governo, pois ele próprio não se julgava competente para a tarefa. Euclides, em mais uma prova de seu correto agir, fez o que definiu como sendo a destruição desastrada de seu futuro: negou qualquer benefício e pediu aquilo que era dele por direito: um ano de prática na E.F.C do Brasil.

A situação demonstra um Euclides que nunca se viu pronto a atuar na política na sua forma prática, “tal como ela é”, como disse Olímpio de

²⁰de Souza Andrade, Olímpio. *História e Interpretação de Os sertões*. Organização de Walnice Nogueira Galvão. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2002. p. 80.

²¹Carta a L. de Mendonça. Lorena, 22 mar. 1903. In: W. N. Galvão e O. Gallotti. (Orgs.), *Correspondência Euclides da Cunha*, p. 193-4

²² IDEM.

Souza Andrade. Não ter aberto mão de sua convicção, mesmo nessa oportunidade, é sintomático da personalidade do autor. Durante sua vida, perseguiu suas missões e encargos profissionais de forma obstinada, como na exploração do Rio Purus em 1905, que completou apesar dos inúmeros obstáculos, que colocaram em risco sua vida e a dos demais membros da expedição. Mais do que um poeta romântico, tentou ser, ele próprio, um herói, que perseguia visões inspiradas nos romances e narrativas da Revolução Francesa que lera na juventude.

Euclides se sentia desajustado no mundo urbano e civilizado, em que a beleza e a moral se degradavam pouco a pouco, ameaçando a linha reta que buscou seguir com muita abnegação. Adotava uma postura firme diante da vida e da história, com sentimentos que oscilavam entre a utopia e a melancolia. Escreveu, em maio de 1908, a seu amigo, o diplomata e historiador Oliveira Lima: “Reivindico o belo título de último dos românticos, não já do Brasil apenas, mas do mundo todo, nestes tempos utilitários”²³. Assim, a vida de Euclides da Cunha foi marcada por um conflito constante entre a modernidade e suas crenças, muitas vezes classicistas e idealizadas. Essa tensão entre a realidade urbana, consequência da ascendente industrialização do país, e sua busca por um ideal mais puro e profundo se refletiu em suas ações, escritos e na forma de se posicionar diante de questões políticas de sua época.

²³Carta a O. Lima. Rio, 25 maio de 1908. In: IBID. p. 361.

2.2 RACISMO, EVOLUCIONISMO, E A CATEGORIA GEOGRÁFICA QUE HEGEL NÃO CITOU

A parte mais polêmica dos seus escritos, que até hoje colocam o autor sob suspeita das mais admiráveis mentes, gira em torno das suas teorias raciais. Muito influenciado pelo debate que ascendia na Europa junto ao surgimento dos Estados-Nação, Euclides usou tais teorias para fundamentar todo o arcabouço teórico que levou à guerra retratada em *Os sertões*, dedicando-lhe grande parte de seu livro, não só no seu segundo capítulo, onde apresenta a questão de forma mais detida, como em todo ele, costurando os fatos narrados às teorias apresentadas.

O pensamento racial que emergiu ao final do século XIX não representava propriamente uma novidade dentro da tradição intelectual europeia. Embora assumisse formas novas e mais sistematizadas, ele se enraizava em concepções preexistentes que, ao longo da modernidade, foram sendo desenvolvidas e apropriadas segundo os interesses políticos e ideológicos do momento. Com a intensificação da corrida imperialista pelas regiões da Ásia, da África e das Américas, cresceu o fascínio europeu pelos chamados “povos exóticos” e pela descoberta de novas civilizações — um entusiasmo que, desde o Iluminismo, já mobilizava setores progressistas, como os próprios protagonistas da Revolução Francesa.

Segundo Hannah Arendt, é nesse interesse pelas diferenças humanas que começam a germinar as ideologias racistas que, mais tarde, seriam fundamentais para a constituição dos nacionalismos modernos. Em contextos marcados por fragmentações internas e crises de identidade — como a Alemanha ainda desunificada e humilhada pelas guerras napoleônicas, ou a Inglaterra abalada por sucessivas crises políticas e pela perda de colônias —, o pensamento racial surge como uma tentativa de

forjar uma unidade simbólica em torno da ideia de uma origem comum²⁴. O racismo evolucionista, nesse sentido, não pretendia ser apenas uma construção científica, mas também um recurso político mobilizado para sustentar projetos nacionais em um momento de incerteza histórica.

Para compreender plenamente como esse pensamento ganha força e legitimidade, contudo, é necessário considerar a base filosófica que o sustenta. O conceito moderno de História desempenha aqui um papel crucial. Desde pelo menos Giambattista Vico, no século XVII, o pensamento europeu passou a conceber a História como objeto legítimo de conhecimento racional. Diante da impossibilidade de conhecer a natureza em seus fundamentos — uma vez que esta não é criação humana —, o homem volta-se para aquilo que é de sua própria feitura: os eventos históricos. Para Vico, é justamente porque a História é produto da ação humana que pode ser compreendida por ela²⁵. Tal inflexão funda uma maneira tipicamente moderna de pensar: a busca de sentido nos processos históricos.

Essa concepção se desenvolve ao longo dos séculos seguintes, adquirindo contornos cada vez mais teleológicos e sistemáticos. Com Kant, a História é atravessada por uma noção de progresso moral da humanidade; com Hegel, ela se transforma em uma verdadeira metafísica da realização do Espírito²⁶. O resultado é a consolidação de uma visão segundo a qual os eventos históricos não apenas possuem sentido, mas seguem uma lógica interna necessária e inevitável — uma racionalidade imanente ao devir histórico. O processo de fundamentar a História em uma ontologia, cria o solo conceitual que permitirá, mais tarde, a transposição de modelos explicativos da natureza para a sociedade.

É nesse momento que a obra de Charles Darwin, *On the Origin of Species*, publicada em 1859, adquire um papel central. Seu sucesso imediato na comunidade científica deve-se, em parte, ao fato de que surge no auge da

²⁴ Para esta pesquisa, utilizou-se duas edições de *Origens do totalitarismo*; a edição original, em inglês *Origins of totalitarianism*. Penguin Books, 2017. e a edição brasileira, *Origens do totalitarismo*. São Paulo. Companhia das Letras, 2012. Para esta edição, CF: p. 237; para a original, CF: p. 190. Daqui em diante, todas as citações serão referentes ao texto original.

²⁵ Para esta pesquisa, utilizou-se duas edições de *Entre o Passado e o futuro*: a edição original, em inglês Arendt, Hannah. *Between past and future: eight exercises in political thought*. New York: Penguin Books, 2006, e Arendt, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo. Editora Perspectiva, 2022. Todas as citações a partir daqui seguirão a edição em inglês, sendo assim, para a referida citação CF: p. 67.

²⁶ IBID, p. 68.

crença moderna na ciência como instrumento de leitura totalizante do mundo. Embora Darwin não tenha extrapolado sua teoria da seleção natural para além do campo biológico, sua obra foi rapidamente apropriada por pensadores como Herbert Spencer, que viram nela um paradigma aplicável à organização das sociedades humanas. Sendo assim, a intelectualidade europeia concebia o darwinismo social, uma doutrina que transpunha a lógica da luta pela sobrevivência para o campo das relações humanas, naturalizando hierarquias sociais e raciais.

Essa transposição não foi meramente um equívoco interpretativo. Ela só foi possível porque encontrou respaldo na tradição moderna que via a História como palco de um desenvolvimento necessário. A própria noção de que os povos estariam em diferentes estágios de um mesmo processo civilizatório permitiu que teorias racistas fossem apresentadas como científicas e inevitáveis.

Tudo isso deságua no surgimento dos novos Estados-Nação modernos, de onde emergiram algumas “contingências originais no espaço da cultura”²⁷. Esses Estados, que de maneira nova se desenvolviam através de uma oposição mútua, precisavam criar estruturas sociais robustas para assegurar sua estabilidade interna. Essa necessidade, por exemplo, incentivou o desenvolvimento das ciências humanas — tais como a História, a Filologia e a Antropologia — com o financiamento desse próprio Estado, com o objetivo de fundamentar a unificação de vastos territórios e de consolidar as identidades baseadas em aspectos que ligavam “a raça, história, tradição, meio físico, língua, religião, cultura e um caráter psicológico geral”²⁸. Essa valorização das particularidades de cada grupo, considerada superior à dos demais, formou a base ideológica para a sua formação através da utilização do trabalho desses autores. Assim, o nacionalismo se consolida ao encontrar seu respaldo teórico nas “teorias raciais”, que passaram a dominar o cenário cultural e intelectual da época.

Quando comparado com os pensadores europeus — que tinham à sua frente uma história já bem delimitada e conhecida entre seus cidadãos, com uma estrutura política relativamente sólida e com objetivos futuros já

²⁷ Sevcenko, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2a edição rev. e ampl. São Paulo, Cia das Letras, 2014. p. 101.

²⁸ IDEM.

bem traçados —, os intelectuais brasileiros assistiam a esse “*nation maker*” tentando criar, na medida do possível, novas teorias capazes de estruturar politicamente um Estado marcado pelo servilismo, e criar bases ideológicas capazes de comportar a fundação da recente nação brasileira. Observa Nicolau Sevcenko, que o problema se apresenta em duas frentes distintas para tais intelectuais:

“A [reação ao problema] mais simplista consistia em sublimar as dificuldades do presente e transformar a sensação de inferioridade em um mito de superioridade: é a ‘ideologia do país novo’, o ‘gigante adormecido’, cujo destino de grandiosidade se cumprirá no futuro. A outra implicaria um mergulho profundo na realidade do país a fim de conhecer-lhe as características, os processos, as tendências e poder encontrar um veredicto seguro, capaz de descobrir uma ordem no caos do presente, ou pelo menos diretrizes mais ou menos evidentes, que permitiriam um juízo concreto sobre o futuro do país”²⁹.

Curiosamente, Euclides abraça, em partes, as duas frentes.

Tal modelo racial, que, como já apresentado, surgia como uma tentativa de criar um passado nacional para o Brasil, emerge tardiamente entre nós, mas recebe uma acolhida entusiasmada³⁰. O surgimento dos diversos estabelecimentos científicos de ensino e pesquisa — como os museus etnográficos, faculdades de direito e medicina e os institutos históricos e geográficos locais — ajudaram a desenvolver e a disseminar tais ideias, uma vez que eram pontos de encontro dos principais intelectuais do país. Por isso, a década de 70 oitocentista é um “marco na história das ideias no Brasil, uma vez que representa o momento de entrada de todo um novo ideário positivo-evolucionista em que os modelos raciais de análise cumprem um papel fundamental”³¹. O Brasil, inclusive, é visto no mundo todo como um local emblemático nesse sentido, um grande laboratório singular de uma “extremada miscigenação racial”³², mas que via no branqueamento da população sua perspectiva de futuro.

Como parte dos intelectuais que se inserem nos esforços de determinar um tipo étnico brasileiro específico, “capaz de descobrir uma ordem no caos presente” ou que pelo menos simbolizasse “um eixo sólido que centrasse, dirigisse e organizasse as reflexões sobre a realidade

²⁹ IBID., p. 106.

³⁰ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870–1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 15.

³¹ IBID., p. 19.

³² IBID., p. 15.

nacional”³³, Euclides da Cunha, que nas suas palavras estava fazendo uma “profecia retrospectiva” a respeito da formação das raças brasileiras, o fazia a partir da perspectiva de uma complexa interação entre fatores já pré-estabelecidos entre os evolucionistas — em especial o já citado Hebert Spencer, o “primeiro filósofo da evolução”, responsável por interpretar a “sociologia como parte da biologia”³⁴ —: os fatores étnicos, históricos, geográficos e climáticos. Sua análise, ao mesmo tempo intensa e vigorosa, revela, de maneira pessimista, a impossibilidade de uma unidade racial homogênea, pois éramos vítimas do entrelaçamento singular entre o *homo americanus*, o *homo afer* e o europeu aristocrático, provindo do português, “que nos liga à vibrátil estrutura intelectual do celta”³⁵. Isso, segundo sua análise, seria extremamente prejudicial para o futuro do país, pois, se a exemplo das grandes nações mundiais, o que ligava o seu corpo social era a sua unidade étnica, aqui no Brasil teríamos de nos contentar com o fato de que não tínhamos tal unidade, e o pior: que não a teríamos, talvez, nunca³⁶.

Euclides, assim, se depara com o fato de termos um arcabouço político que precisava ser reestruturado, visto que se tratava de uma estrutura atrasada e servil, e com um tecido social fragmentado, mas que se liga a um eixo central representado por esse Estado. A situação era preocupante, visto que o país estava “preso no litoral, entre o sertão inabordável e os mares”, e tinha “o velho agregado colonial [que] tendia a chegar ao nosso tempo, imutável, sob o emperramento de uma centralização estúpida, realizando a anomalia de deslocar para uma terra nova o ambiente moral de uma sociedade velha.”³⁷ Tendo isso em vista, a tarefa do autor mostrava-se dupla: primeiro, pensar o que é que temos de mais fixo, com nosso tecido social fragmentado, e depois, como poderíamos nos desenvolver, partindo de tal pressuposto?

³³ Sevcenko, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2a edição rev. e ampl. São Paulo, Cia das Letras, 2014. p. 106.

³⁴ Arendt, Hannah. *Origins of totalitarianism*. Penguin Books, 2017, pág 205.

³⁵ CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Organização de Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Ubu Editora, 2019, p. 76.

³⁶ IBID., 79.

³⁷ IBID., p. 88. Quem melhor descreveu esse sentimento foi Sérgio Buarque, em *Raízes do Brasil*, onde disse: “Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas ideias, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra”, e prossegue “o certo é que todo o fruto de nosso trabalho ou de nossa preguiça parece participar de um sistema de evolução próprio de outro clima e de outra paisagem.”. CF. HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. pág 1.

A Guerra de Canudos e a realidade dos sertanejos se apresentam, dessa forma, como um excelente laboratório para tal experimento, pois uma situação inusitada se apresentava na batalha: jagunços, então atávicos, sem uma estrutura social básica que ao menos se assemelhasse à litorânea — que era o mais próximo da dita Civilização que o Brasil tinha —, resistiram, vencendo a batalha em três investidas diferentes do exército brasileiro, sem (ao menos em um primeiro momento) ter acesso ao mesmo armamento; sua grande arma era o sertão. Levando isso em consideração, a ideia por trás de *Os Sertões* não é somente denunciar a barbárie do genocídio sertanejo, mas é, também, apresentar uma solução definitiva, suficientemente capaz de sintetizar, de uma vez por todas, a questão cultural do Brasil, analisando-o, como propôs Hyppolite Taine, pelo meio, a raça e o momento histórico em que a guerra se deu³⁸.

Euclides já indicava o rumo que seguiria em sua obra pouco depois do fim do conflito. Em julho de 1898, pouco antes de se afastar do jornalismo, publicou três longos artigos no *Estado*, sob o título *O Brasil Mental*³⁹, nos quais analisa o livro do crítico português José Pereira Sampaio Bruno, *A geração nova*. O texto, denso e repleto de referências — que vão de Eça e Camilo a Carlyle, Guizot, Flammarion, Huxley, Paracelsus, Lavoisier, Lapouge, Mommsen, Stuart Mill, Comte, Newton, Aristóteles, Kant, Berthelot, Littré, Pascal, Molière e Shakespeare — revela sua convicção de que não se pode abordar um tema tão amplo quanto a nacionalidade brasileira sem, antes, compreender nossa psicologia moldada pelo meio e pelos componentes étnicos que nos formam.

No texto, Euclides expõe sua interpretação e análise sobre o processo histórico, estabelecendo um paralelo entre o historiador e o paleontólogo, pois ambos, em sua profecia retrospectiva, “revivem um fâcies da terra ou da história”. O paleontólogo observa que a adaptação da vida ao meio torna-se progressivamente mais imperfeita, resultado da exaustão da seleção natural, que leva a um recuo lento diante de concorrentes mais fortes. Transpondo a análise para uma perspectiva social,

³⁸VENTURA, Roberto. Euclides da Cunha: Esboço Biográfico. Organização de Mario Cesar Carvalho e José Carlos Barreto de Santana. 2. ed. ampliada. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 17

³⁹CUNHA, Euclides da. *O Brasil Mental*. In: _____. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009. p. 537-542.

o autor percebe no Brasil um caso ilustrativo: a vida emergente de uma sub-raça recém-formada enfrenta enormes dificuldades para se afirmar e, agravando esse quadro, o movimento transversal dos fatores étnicos — que, segundo Euclides, não apenas dificultam a evolução, mas a fazem regredir —, pois o produto do cruzamento racial tende a herdar justamente os traços recessivos da raça considerada inferior. Essa argumentação se espalha às letras, fazendo com que Euclides rejeite a tese de Bruno de que a literatura brasileira teria se desenvolvido a partir da literatura portuguesa. Para ele, esse processo se deu por “causas superiores”, ligadas à intelectualidade nacional, em especial à questão racial — que acreditava ter solucionado a partir da tese de Gumpłowicz, segundo a qual a luta entre raças é a força motriz da história. Levando isso em consideração, a melhor maneira de definir nossa identidade nacional seria “estudar as nossas tendências filosóficas e artísticas, isto é, verificar se realmente evoluímos, respirando livremente em ambiente superior, autônomos, não absorvendo parasitariamente o resultado de esforços alheios, mas transformando-os em nossa economia íntima, e reagindo, por nossa vez, sobre o progresso geral, imprimindo-lhe algum traço de originalidade”.

Além de Gumpłowicz, a quem Euclides dá os louros das suas conclusões, há uma interlocução pouco explorada pelos seus intérpretes; interlocução essa que, inclusive, vira nome de um dos subtítulos do primeiro capítulo de *Os Sertões*: a que Euclides propõe com a teoria de Hegel. Em suas lições sobre a História Universal, Hegel propõe a análise do desenvolvimento humano através de categorias geográficas específicas, que ajudariam a produzir o espírito de um povo, uma vez que o espaço geográfico serve como palco no qual o espírito atua. Segundo defende Hegel, a medida do espírito encaixa-se tanto no tempo como no espaço, onde este não deve ser considerado apenas como “terras ocupadas por um povo como mero local exterior, mas como o tipo de localidade natural ao qual estão estreitamente ligados o tipo e o caráter do povo filho dessa terra”⁴⁰. Sendo assim, Hegel diz que o mundo se dividiu em três diferenciações geográficas essenciais, “ao contrário da variedade das

⁴⁰Para essa análise foi utilizada fundamentalmente a versão em português, de 1996, da editora UNB HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Filosofia da História*. Tradução de Maria Rodrigues e Hans Harden. 2. ed. Brasília: Editora UnB, 1996.

circunstâncias meramente acidentais”, e são elas: o planalto árido, com suas estepes e planilhas; as regiões de vales, cortadas e irrigadas por grandes rios e a região litorânea, mais importante de todas pela sua ligação com o mar, responsável pela união do mundo.

No planalto, exemplificado pela terra onde viviam os mongóis na Ásia Central, tem características desérticas, sendo irrigado apenas por chuvas ou por transbordamento de rios; a característica de seus habitantes é a vida familiar patriarcal. Essas famílias têm seus bens extraídos apenas dos animais que caminham com eles, pois a terra é raramente fértil ou provisoriamente; são nômades, dependentes da quantidade de pasto das planícies que alimentam os animais: quando estas se esgotam, mudam-se. Os vales são regiões ricas em presença de rios, aos quais promovem a fertilidade do local. São exemplos dessa área a Índia e a China, cortados pelo Indo e pelo Ganges e o Egito com o Rio Nilo. Essas terras são marcadas por grandes impérios históricos que se fundamentam na agricultura, que as terras férteis pelos rios ofertam. Dessas terras surgem as propriedades fundiárias, unidas por relações jurídicas que mantêm os Estados de pé. Por fim, surgem as regiões litorâneas, cujo exemplo se vê nos países europeus. Embora, ressalta Hegel, usemos os mares e os rios como marcos de limitações e separação dos Estados, eles são, na verdade, fatores de união; graças ao curso dos rios e oceanos os europeus mantêm um constante intercâmbio com as américas e as índias orientais. Segundo teoriza o autor alemão, o mar oferece aos humanos a representação do infinito⁴¹, e pela vertigem do pertencimento a esse infinito, estes se sentem impelidos a transcender o limitado. Diferentemente das regiões de vales, onde a terra é fértil e abundante, as regiões litorâneas convidam os humanos à ação, à exploração e, disso, ao comércio, lucro, mas também à pilhagem⁴².

Sendo assim, as características geográficas de um determinado local determinam, também, o caráter dos espíritos. Dentro de sua análise, Hegel chega, inclusive, a contemplar o Brasil e alguns outros países da América Latina, mas afirma: “essas partes do mundo não são apenas relativamente novas, mas intrinsecamente novas, sob o aspecto de sua constituição física e

⁴¹ HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Filosofia da História*. Tradução de Maria Rodrigues e Hans Harden. 2. ed. Brasília: Editora UnB, 1996. p. 81.

⁴² IDEM.

espiritual”, não no que diz respeito ao solo propriamente, pois este deve ter surgido junto do Velho Mundo, mas aos povos primitivos que habitavam essas terras e que sucumbiram fatalmente “assim que o espírito se aproximava deles”⁴³, afirmação muito parecida com a de Euclides ao condenar os sertanejos a extinção iminente, “Retardatários hoje, amanhã se extinguirão de todo”⁴⁴.

A análise de Hegel, contudo, rebate Euclides, tem um furo: os sertões do norte, que precisam de um lugar específico no “quadro do pensador germânico”, pois o sertão, durante o estio, se pareceria mais com a primeira subdivisão; durante o inverno, contudo, é parte essencial da segunda — “Barbaramente estéreis; maravilhosamente exuberantes”⁴⁵. Não à toa, citando a categoria geográfica que Hegel não previu, Euclides se debruça em uma análise detida — e o mais científica e embasada possível — dos sertões de Canudos, que, em seu quadro de referências, existia enquanto metonímia de todos os outros sertões do norte.

O fato é que a relação entre a História e a Terra, entre nossa raça e o espaço onde esta floresceu, se tornou tarefa a ser desenvolvida durante todo o livro. Sobre isso, a análise de L. Bernucci se mostra essencial: “‘A Terra’ tem uma incomum capacidade antecipadora de articular certas narrativas e de formular um conjunto de ideias lançadas ou sugeridas neste começo do livro e que são retomadas mais tarde em outras páginas da obra prima de Euclides. Nas seções subsequentes a esse momento inicial de *Os Sertões*, verificamos que, uma vez que uma ideia aparece reduplicada, esta ganha, geralmente uma forma mais elaborada, e portanto mais enriquecida do que a original”⁴⁶, é assim que os martírios da terra e sua tragicidade incidem no humano, como a “sugestiva imagem vegetal da degola extraída do *Melocactus bahiensis*, popularmente conhecido como ‘coroa-de-frade’, reflete-se naquele sacrifício humano, a degola”⁴⁷.

Sem uma análise da Terra, não seria possível entender as teorias raciais de Euclides. Buscando entender tal relação, qual seja, entre o

⁴³IBID pág. 74.

⁴⁴CUNHA, Euclides da. *Os Sertões: campanha de Canudos*. Edição crítica e organização de Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Ubu Editora; Edições Sesc São Paulo, 2019, p. 10.

⁴⁵IBID. pág. 60.

⁴⁶ CUNHA, Euclides da. *Os Sertões: campanha de Canudos*. Edição organizada por Leopoldo M. Bernucci. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002, p. 16

⁴⁷ IBID p. 17

humano e o sertão, Euclides começa analisando as raízes mais profundas do Brasil, dedicando-se a compreender as diferenças sociais e culturais que marcam o Norte e o Sul⁴⁸. Segundo defende, essas disparidades são resultado direto das condições do meio. Ainda no período colonial, o território foi dividido em grandes porções de terra, entregues a donatários que iniciaram processos de ocupação distintos e sem articulação entre si. Essa desarticulação fez com que cada região seguisse um caminho próprio, gerando culturas muito diferentes, embora formalmente subordinadas ao mesmo poder. Mesmo sob esta constatação, uma pergunta ainda surge latente e inevitável: se os colonizadores eram os mesmos, por que as regiões se desenvolveram de forma tão desigual? Para Euclides a resposta está na geografia. No Norte, a vegetação densa, os relevos acidentados e os rios de correnteza violenta — como o São Francisco, que desaba em cachoeiras e barrancos — dificultaram o avanço dos colonizadores que partiam do litoral. Ao contrário do Tietê, no Sul, cujas águas calmas serviam como via natural de integração, o sertão nordestino manteve-se isolado. Esse isolamento, forçado pela natureza, permitiu o surgimento de uma sociedade própria: a sertaneja. Formados pela fusão entre o “heróico” colonizador do interior — o bandeirante — e os povos indígenas, esse grupo floresceu à margem dos centros coloniais, forjando modos de vida singulares e uma cultura resistente, marcada pela adaptação às durezas do ambiente.

Tal isolamento, defenderá Euclides, forjado pelo meio, não se refletiu apenas nos hábitos e na cultura do sertanejo, mas também em sua própria constituição física e moral. Para o autor, o sertanejo é um tipo humano moldado pelas condições extremas do sertão — e para expressar a complexidade dessa figura, recorre à sua imagem mais célebre e densa: o elogio-censura “Hércules-Quasímodo”.

Para leitores desavisados, a antítese parece se encerrar no contraste entre força e feiura, heroísmo e deformidade, que ele expõe logo após apresentar o adjetivo⁴⁹. No entanto, essa leitura imediata é apenas a camada mais visível da metáfora. O que o gigantesco poeta propõe é uma composição ainda mais profunda, em que as contradições não estão apenas

⁴⁸Até a divisão do IBGE do Brasil em mais zonas, em 1969, a ideia corrente que acompanhava as análises geográficas do país desde a era colonial era a de que o Brasil somente tinha Norte e Sul.

⁴⁹CUNHA, Euclides da. *Os Sertões: campanha de Canudos*. Edição crítica e organização de Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Ubu Editora; Edições Sesc São Paulo, 2019. p. 115.

nas aparências, mas no cerne moral e simbólico dessas duas figuras. Hércules, por um lado, é o maior herói clássico da civilização grega — símbolo da força, da coragem e da honra, contudo, é também aquele que age por impulso, movido pelo thymos, esse ímpeto vital que tanto edifica quanto destrói. Ele representa o excesso em todas as suas formas: come demais, bebe demais, age demais, é forte demais. É pura hipérbole. É grande não só pela sua bravura, mas também pela desmedida, pela incapacidade de contenção. Quasímodo, em contrapartida, nasce condenado por uma natureza que o deforma e por uma sociedade que o rejeita. É feio, troncho e torto, mas sua monstruosidade não está em seu caráter — pelo contrário, é um ser dotado de profunda sensibilidade, fidelidade e compaixão. Sua força também é descomunal, mas contida, voltada para a autodefesa e o cuidado com aqueles que lhe estendem a mão, como Esmeralda. Rejeitado pelo mundo exterior, carrega por dentro uma humanidade que o aproxima daquilo que há de mais nobre.

Ao reunir essas duas figuras em uma só, Euclides constrói um símbolo ambíguo e profundamente trágico: o sertanejo como síntese de impulsos contraditórios, não apenas entre civilização e barbárie, mas entre heroísmo e marginalidade, entre excesso e carência, entre grandeza e exclusão. Mesmo quando elogia, Euclides critica; mesmo quando denuncia, reconhece uma grandeza. O sertanejo é marcado pelo abandono e pela dureza, mas também pela força vital que insiste, resiste e se mantém de pé, apesar de tudo. Essa sua opinião o leva a afirmar, em suas reportagens de correspondente de guerra, que o que o Brasil mais ganharia com a batalha seria a integração daqueles povos ao cerne da nossa civilização⁵⁰.

Desse entrelaçamento profundo entre homem e meio, nasce, enfim, o guerreiro idealizado por Euclides: o sertanejo. Não um guerreiro comum, mas um tipo forjado pela adversidade e abraçado pela própria natureza que o moldou. O terreno hostil que outrora isolou agora o consagra como seu legítimo herdeiro. Suas habilidades são potencializadas pelo sertão, seu terreno materno, e na batalha, homem e paisagem deixam de ser elementos distintos: tornam-se um só corpo, um só impulso. Ainda sob a lente das imagens clássicas, Euclides o descreve como um centauro — não apenas

⁵⁰Cunha, Euclides. *Diário de uma expedição*. ORG.: Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 140.

pela fusão física entre cavaleiro e montaria, mas pela simbiose perfeita entre o instinto do animal e a consciência tática do homem. A vegetação, aliada silenciosa, oculta seus movimentos e confunde os inimigos, que muitas vezes relatavam combates contra espectros, tamanha a invisibilidade e eficácia dos ataques. O jagunço não só resiste: ele se multiplica no cenário, surge e desaparece com a mesma naturalidade de um raio ou de uma ventania. Nesse sentido, se a natureza foi dura com ele, foi para lapidá-lo — torná-lo, como quer Euclides, seu mais potente produto.

2.3 REVOLUÇÃO FRANCESA ENQUANTO CATEGORIA UNIVERSAL: A NOSSA VENDÉIA.

No já citado cenário de transformação social que se instalava como uma avalanche no Brasil do século XIX, os intelectuais do país viram, na cultura europeia, o tido modelo ideal para a nossa renovação política, econômica e social, que acabaria com o histórico de atrasos do país — marcado por seu passado colonial, escravocrata e repleto de limitações estamentais⁵¹. Para essa geração, a retomada dos ideais de liberdade, progresso e racionalidade, tão caros à modernidade — simbolizados pela abolição, pela república e pela democracia — constituíam não somente a ruptura com o *ancien régime*, mas também a promessa de um futuro liberal e moderno. Essa adesão fervorosa aos modelos importados da *Belle Époque* era, para eles, a tão esperada redenção que colocaria o destino do Brasil nos trilhos do desenvolvimento civilizacional.

As transformações vividas na Europa, especialmente a partir da década de 1870, tornaram-se a fonte inesgotável de inspiração para os reformadores brasileiros⁵². O fortalecimento de uma vanguarda científica, centrada nas ciências naturais, proporcionou não só uma nova interpretação dos fenômenos humanos, mas também os alicerces para as mudanças que viriam a impactar toda a humanidade⁵³. Essa relação entre o desenvolvimento cultural e o crescimento material se refletia, de maneira evidente, nos discursos e práticas dos intelectuais da época, onde Euclides da Cunha, que era um dos principais expoentes, dissertou em seu discurso de posse da ABL:

⁵¹ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, pág. 97

⁵² Quem muito bem conseguiu dar corpo a esse momento foi Pedro Américo, pintor brasileiro, que em 1902 alegoriza o traslado da civilização europeia para o Brasil na pintura *Paz e Concórdia*, hoje no MASP.

⁵³ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, pág. 100.

“O quinquênio de 1875-1880 é o da nossa investidura temporã na filosofia contemporânea, com seus vários matizes, do positivismo ortodoxo ao evolucionismo no sentido mais amplo da palavra e com as várias modalidades artísticas, nascidas de ideias e sentimentos elaborados fora e muito longe de nós. A nossa gente, que mal ou bem ia seguindo com os caracteres mais ou menos fixos, entrou, de golpe, num suntuoso parasitismo. Começávamos a aprender de cor a civilização, coisas novas, bizarras, originais, chegando, cativando-nos, desvirtuando-nos e enriquecendo-nos de graça... Diante de novos descortinos mais amplos, partiu-se a cadeia tradicionalista que se dilatara até aquele tempo...”⁵⁴

Neste trecho, Euclides não somente evidencia a velocidade com que a cultura europeia se infiltrou na sociedade brasileira, mas também revela o impacto desse processo: o encanto misturado à desorientação, e a absorção frenética de uma nova civilização que, apesar de promissora, colocava em xeque os alicerces tradicionais do país. Seguindo nessa esteira, Nicolau Sevcenko enfatiza a capacidade revolucionária dos avanços científicos e culturais no Brasil:

“Em primeiro lugar, ela proporcionou uma nova explicação de conjunto para o surgimento, a existência e a condição da espécie humana segundo teorias darwinistas. Não só essa interpretação alternativa dispensava a tutela tradicional do clero e dos filósofos, sendo facilmente harida em opúsculos de ampla divulgação, como logo, em virtude mesmo da sua acessibilidade elementar, foi vulgarizada como uma teoria geral do comportamento e ação humana (darwinismo social, *struggle for life*), tornando-se o credo por excelência da *Belle Époque*. Em segundo lugar, os seus avanços na área da microbiologia permitiram a Revolução Sanitária, promovendo a explosão demográfica e a escalada maciça da urbanização. E em terceiro, suas pesquisas no campo da física e da química aplicadas forneceram as bases da Segunda Revolução Industrial, também chamada, por isso mesmo, de Revolução Tecnológica. É fácil verificar que o sucesso e as decorrências das últimas cadeias de fenômenos reforçaram a primeira.”⁵⁵

Esses discursos demonstram que a europeização das consciências não era um mero ideal abstrato, mas sim um projeto concreto que visava alinhar o Brasil à nova ordem econômica e cultural que se consolidava mundialmente⁵⁶. O pensamento europeu, visto como insubstituível e dotado de uma capacidade transformadora sem paralelo, invadia os domínios da criação e exigia a reinvenção histórica do país. Nesse contexto, os intelectuais brasileiros se deparavam com o desafio de modernizar não só o aparato estatal, mas também de forjar uma identidade e um passado

⁵⁴ Discurso de posse na academia brasileira de letras IN: Cunha, Euclides da. *Trabalhos esparsos*. Edição preparada por José Calasans. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2000. p. 13.

⁵⁵ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 100-1.

⁵⁶ IDEM.

nacional, pois como lembra o autor Tobias Barreto em famosa frase, o Brasil tinha um Estado mas não tinha uma Nação.

O desenvolvimento da tal nova cultura esbarrava na dualidade vivida pela realidade brasileira, que se equilibrava entre um Estado estruturado, porém fragilizado pelo servilismo político, e a ausência de uma Nação coesa e identificada como tal. O projeto de modernização exigia, portanto, a reconstrução tanto do tecido social quanto do sistema político, alinhando-o aos ideais de cientificismo e liberalismo que dominavam a *Belle Époque*: “E foram ambos cingidos pelas duas correntes antípodas que assinalaram os modos de pensar da *Belle Époque*: o cientificismo e o liberalismo. Prova bastante desse fato é o predomínio ubíquo das linhagens filosóficas inglesas encabeçadas pela síntese de Spencer ou pelo utilitarismo heterodoxo de Stuart-Mill”⁵⁷.

Dentre todos os eventos que compunham o conjunto de referências brasileiras no que diz respeito ao desenvolvimento de uma nação, é a Revolução Francesa que ocupa o lugar central no ideal do país. Como destaca Walnice Nogueira Galvão, “nem de longe [outras correntes] têm a força de presença da Revolução Francesa, que transcende ao mero nível alusivo”⁵⁸. Ela ultrapassava o âmbito da política para invadir o campo cultural dos seus intérpretes. A geração que vem a partir da segunda metade do século XIX, via na Revolução Francesa não somente o modelo que derrubara o Antigo Regime — estamental, monarquista e escravocrata —, mas também o símbolo máximo do progresso e da transformação racional das sociedades. O evento ganha sua máxima expressão na análise de Hegel sobre a História, que não apenas funda o conceito moderno de história, como também traz a filosofia para os assuntos humanos, uma vez que “*without the French Revolution it may be doubted that philosophy would ever have attempted to concern itself with the realm of human affairs*”⁵⁹. Isso acabou influenciando diversas nações que viviam sob agitações revolucionárias, como a França, Alemanha e a Rússia, que viram na ideologia alemã pós-kantiana um possível retrato dos eventos humanos; o

⁵⁷ IBID., p. 103.

⁵⁸ Galvão, Walnice Nogueira. *Euclides e a Revolução Francesa*. 1987. p. 1.

⁵⁹ “Todavia, sem a Revolução Francesa é de se duvidar que a filosofia viesse algum dia a se interessar pelo mundo dos assuntos humanos” Tradução de Denise Bottmann. Cf. ARENDT, Hannah. *Sobre a Revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, pág 85. Texto original em: ARENDT, Hannah. *On Revolution*. London: Penguin Books, 1990, pág. 53.

jovem Euclides, encantado com essas utopias, engajou ao ponto de participar ativamente na propaganda republicana, vendo o Brasil sob a égide do cenário político mundial, sendo um dos mais famosos colaboradores da derrubada da monarquia.

Para essa geração de estudantes, à qual Euclides da Cunha fazia parte, a Revolução Francesa era a representação do progresso lógico e racional das sociedades humanas⁶⁰. No caso específico de Euclides, isso aparece logo cedo, em seu livro de poesias *Ondas*, onde, mesmo ainda muito jovem, dedica mais de quinze composições à Revolução Francesa⁶¹, sendo quatro delas em homenagem aos seus líderes mais radicais: Marat, Robespierre, Saint-Just e Danton.

Desde que Euclides tinha 8 anos de idade⁶², pelo menos, a Revolução se apresenta como um dos grandes eventos do mundo em sua psique, com a leitura dos diversos autores franceses que desembarcaram no porto do Rio. O tema ganhará ainda mais profundidade nos seus 17 anos, quando o autor se matricula no Colégio Aquino e se aproxima do então professor Benjamin Constant⁶³. É assim que da Cunha ganha um contato mais aprofundado com as ideias do iluminismo e de autores que constituem seu cânone, tal como Denis Diderot, Jean-Jacques Rousseau e Voltaire, que em dado momento ele chega a dar os créditos pela teorização do que viria a se concretizar na Revolução⁶⁴.

A partir de 1888, logo após a expulsão da Escola Militar, Euclides começa a publicar artigos no jornal *A Província de São Paulo*, reduto dos republicanos brasileiros, e nesses primeiros artigos busca interpretar os acontecimentos da proclamação da República com base nos eventos

⁶⁰Galvão, Walnice Nogueira. *Euclides e a Revolução Francesa*. 1987. p. 2.

⁶¹São esses “*A canalha*”, “*Tiradentes*”, “*Dantão*”, “*Marat*”, “*Robespierre*”, “*Saint-Just*”, “*Os grandes enjeitados*”, “*Ferrea vox*”, “*Eu sou republicano*”, “*A queda da Bastilha*”, “*A estátua equestre*”, “*Luiza Michel*”, “*Obscurii lucis (Os Farrapos)*”, “*Césares e czares*”, “*Cristo*”. CF: Cunha, Euclides Da. *Euclides Da Cunha - Poesia Reunida*. São Paulo: Editora Unesp, 2009. páginas, respectivamente: 80, 93, 103, 104, 105, 108, 126, 143, 155, 165, 170, 195, 199, 239, 250.

⁶²Fazendo breve análise da biografia do autor, notamos que o primeiro colégio em que foi matriculado, aos 8 anos de idade, na cidade de São Fidélis, no interior do Rio de Janeiro, chamava-se Colégio Caldeira, nome em referência ao seu dono e fundador, Francisco José Caldeira da Silva, um português que vivia exilado no Brasil por suas ideias liberais e republicanas. CF: Ventura, 2019.

⁶³Como já dito no primeiro capítulo, o militar e político era um famoso representante do positivismo e dos ideais republicanos no Brasil, e exerceu forte influência sobre o escritor — assim como sobre boa parte do jovem oficialato do Exército Brasileiro de então.

⁶⁴CUNHA, Euclides da. Ensaio 93. In: HARDMAN, Francisco Foot; BERNUCCI, Leopoldo (Org.). *Ensaaios e inéditos*. São Paulo: Editora UNESP, 2011. p. 57.

revolucionários de 1789, inclusive assinando-os com o pseudônimo de Proudhon, em referência ao ativista francês do século XIX, Joseph Pierre-Proudhon, que, segundo Karl Löwith era o grande “teólogo do progresso”⁶⁵. Nesses primeiros textos, a noção de progresso se mostra sempre muito presente — embora mais intuída que claramente definida — como o caminho necessário para os acontecimentos políticos e como um ideal a ser perseguido pelos republicanos interessados no bem comum. A inevitabilidade desse processo leva-o a afirmar que “ou progredimos ou desaparecemos”⁶⁶.

Além de aparato conceitual, a Revolução Francesa assume para Euclides uma dimensão teológica. Em artigo publicado aos 19 anos de idade, ele sugere que o movimento francês se insere em uma história que começa em Cristo⁶⁷. Inflamado pela leitura de *Quatrevingt-treize* (1874) — romance de Victor Hugo sobre a Guerra da Vendeia —, Euclides explora a ideia de que existe um “*devoir* histórico”, expresso em forças que impulsionam o movimento dos povos e da civilização. A partir disso, ele busca dividir a História em dois grandes momentos: o primeiro, em que Jesus surge para redimir os atos humanos até ali; e o segundo, com a Revolução, que estabelece a República e promete redimir o futuro da humanidade. Entre esses momentos, entretanto, situa-se um limbo, marcado pela degeneração da sociedade, então guiada por padres e tiranos que a conduzem a guerras e depravações⁶⁸.

Em novo artigo, publicado quando ainda tinha 22 anos e já era estudante da Escola Militar da Praia Vermelha, Euclides desenvolve um texto curto, embora bastante conceitual, no qual abre a discussão afirmando que o republicano brasileiro deve ser, antes de tudo, um revolucionário⁶⁹. Esse é um texto indispensável para a análise posterior não só de sua obra, como de sua biografia, pois ajuda a justificar a desilusão que surge no autor após proclamada a República. Aqui, ele conceitua a Pátria como a perfeita harmonia entre o tempo e o espaço a que um indivíduo está vinculado; este,

⁶⁵ LOWITH, Karl. *O sentido na história: os pressupostos teológicos da filosofia da história*. Trad. Luiz Philipe de Caux. 1. ed. São Paulo: Fundação Editora Unesp, 2024 p. 106.

⁶⁶ da Cunha, 2001, p. 157.

⁶⁷ CUNHA, Euclides da. *Ensaio Revolucionários*. In: HARDMAN, Francisco Foot; BERNUCCI, Leopoldo (Org.). *Ensaio e inéditos*. São Paulo: Editora UNESP, 2011. p. 61.

⁶⁸ IDEM..

⁶⁹ IBID., pág. 65.

pela tradição — legada através da família — e aquele pela História, que seria a síntese dessa tradição⁷⁰. Essa concepção só é possível através da fraternidade dos espíritos, uma vez que se expressa no “sentimento orientado pelo raciocínio, cuja existência demonstra-se com a mesma frieza e tão positivamente como um princípio da mecânica e cuja feição mais característica diz-se CIVILIZAÇÃO”⁷¹. A Pátria moderna, que se dá no tempo e no espaço, seria a afirmação mais elevada da ciência na sua forma filosófica, produto da vasta solidariedade do espírito humano. É difícil saber se, a essa altura, Euclides já teria tido acesso aos já citados textos de Hegel, que usaria posteriormente no desenvolvimento de *Os Sertões*, mas é curioso pensar que nas lições do idealista alemão já havia uma grande valorização do espaço na plena realização do Espírito, visto que, segundo teoriza, a Revolução Francesa só ocorreu por, na oportunidade, não existirem mais as florestas da Germânia, que pudessem abrigar e alimentar a população comprimida dos grandes centros⁷².

Esses textos expõem um Euclides preocupado em debater e conceituar as origens da modernidade e sua possível escatologia. Autores lidos e citados por da Cunha, como Condorcet, Turgot, Bossuet, Hegel e Comte dão o embasamento que o permitem teorizar sobre o progresso histórico. A escatologia euclidiana, simbolizada pelo seu ideal de República, via a redenção dos seres através da ótica revolucionária francesa: como uma salvação coletiva, onde iria imperar a justiça social. A República brasileira, então prestes a ser proclamada, seria, na sua visão, a insurgência do povo oprimido contra os tiranos responsáveis por sua miséria.

Contudo, à medida em que os acontecimentos políticos se desdobravam no Brasil e a proclamação da República ia ganhando corpo, de forma tímida e contida — marcada por um “sentimento de cavalheirismo” na deposição do imperador — os ideais revolucionários que nutriam o pensamento de Euclides entravam em conflito com a realidade⁷³. A modernização prometida pelos ditos revolucionários brasileiros se mostrava distante dos resultados práticos, o que levou o autor de *Os Sertões* a

⁷⁰ IBID., pág 66.

⁷¹ IBID., pág 67.

⁷² HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Filosofia da história*. Tradução de Maria Rodrigues e Hans Harden. 2. ed. Brasília: Editora UnB, 1996. p. 78.

⁷³ de Souza Andrade, Olímpio. *História e Interpretação de Os sertões*. Organização de Walnice Nogueira Galvão. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2002.

experimental uma profunda desilusão. Essa frustração não se limitava ao campo político, mas invadia também a sua produção literária e poética, como evidenciado em seu soneto dedicado a Dom Quixote:

*Mas certo, ó D. Quixote, ainda foi clemente
Contigo a sorte ao pôr neste teu cérebro oco
O brilho da ilusão do espírito doente;*

*Porque há cousa pior: é o ir-se a pouco e pouco
Perdendo qual perdeste um ideal ardente
E ardentes ilusões e não se ficar louco*⁷⁴.

Esse lamento era sugestivo por simbolizar o afastamento entre o entusiasmo original apresentado pelas ideias que nutria de pátria e república, e a amarga constatação de que os ideais de progresso, por mais nobres que parecessem ser, não conseguiam romper completamente com as práticas e os resquícios de um passado que se recusava a morrer, se fazendo sempre presente.

Um outro fator histórico que justifica o afastamento do autor da recém proclamada República era o desenvolvimento da sociedade de mercado — que surge quase que concomitante à Revolução Francesa, com a Revolução Industrial — que toma conta do cenário político da Capital, e que “ganha entre o povo um termo de corrida de cavalos — *encilhamento* — por traduzir simplesmente a corrida para o jogo da Bolsa”⁷⁵, no lugar dos ideais de valorização da comunidade, dos direitos dos cidadãos, e do desenvolvimento da Nação, então defendidos e, em teoria, implementados pelos revolucionários franceses. Este é um sentimento compartilhado por outros grandes nomes da sociedade brasileira da época, como Machado de Assis, que em artigo na revista “*Tempo de Crise*”, de 1873, diz o seguinte:

“A nova filosofia financeira reclamava a remodelação dos hábitos sociais e dos cuidados pessoais. A febre de consumo que tomou conta da cidade desde os primeiros meses da República era especialmente notada na rua do Ouvidor. ‘Uma cidade é um corpo de pedra com um rosto. O rosto da cidade fluminense é esta rua, rosto eloquente que exprime todos os sentimentos e todas as ideias’.”

É importante notar, contudo, a importância dessa desilusão nos ensaios políticos que Euclides produz acerca de Canudos, antes de viajar ao Arraial. O fervor que se expressa nas páginas de seus escritos a respeito das

⁷⁴ da Cunha, Euclides. *Poesia Reunida*. Editora Unesp: 2009, p. 157.

⁷⁵ IBID., pág. 68.

campanhas do exército nacional contra os sertanejos são reflexo direto da conciliação, por parte do autor, entre teoria e prática. A suposta insurgência, vista pelos litorâneos, de Antônio Conselheiro e seus seguidores, colocava a República brasileira, mais uma vez, nas *Odes* da História.

A Guerra de Canudos exerce função fundamental na reconciliação entre teoria e prática no intelecto de Euclides. Ao tomar notícia da derrota da terceira expedição, liderada por Moreira César, o autor publica dois artigos de especial importância no jornal *A Província de São Paulo* em que interpreta os acontecimentos em torno do Arraial. Ali, ele defende a tese de que o distante conflito que acontecia no sertão baiano era uma versão local da Vendéia⁷⁶ — foco de guerra civil contrarrevolucionária que perdurou na França de 1793 a 1796. Havia de fato semelhanças — visto que ambos eram movimentos de resistência por parte de camponeses religiosos que desconfiavam de seus governos republicanos. Esses traços foram suficientes para convencer o escritor: os vetores de força que movem a “História Universal” estavam reproduzindo, no Brasil, o embate ocorrido na França um século antes, com os mesmos movimentos de ação e reação. É preciso lembrar que, segundo o ideário em torno da noção de História Universal, a Revolução Francesa era o protótipo da revolução liberal, um sistema ideológico fechado, onde perguntas e respostas já foram previamente dadas, sob um modelo que terminaria por ecoar — pelas forças impessoais do *devoir* histórico — em diversas outras nações, “mesmo que com diferentes tempos de maturação”⁷⁷. Há, no ideário da revolução, não somente as noções de novidade, início e violência, mas também a noção de irresistibilidade, que acompanha a palavra desde seu mais remoto uso⁷⁸. Sobre o assunto, diz Hannah Arendt:

“Ever since the French Revolution, it has been common to interpret every violent upheaval, be it revolutionary or counterrevolutionary, in terms of a continuation of the movement originally started in 1789, as though the times of quiet and restoration were only the pauses in which the current had gone underground to gather force to break up to the

⁷⁶ Cunha, Euclides da. *Diário de uma expedição*. ORG.: Walnice Nogueira Galvão. São Paulo, Companhia das Letras: 2000, p. 43-62.

⁷⁷ VENTURA, Roberto. “A nossa vendéia”: *Canudos, o mito da revolução francesa e a formação de identidade cultural no Brasil*. In: Rev. Inst. Est. Bras. São Paulo: 31, p. 129 - 145, 1990.

⁷⁸ ARENDT, Hannah. *On Revolution*. London: Penguin Books, 1990, p. 48.

*surface again — in 1830 and 1832, in 1848, in 1851, in 1871, to mention only the more important nineteenth-century dates.”*⁷⁹

Mesmo após sua ida ao Arraial de Belo Monte, onde experimentou sua reviravolta de opinião⁸⁰, e abandonou a ideia de que os sertanejos eram insurgentes em favor da Monarquia — fazendo, inclusive, *mea culpa* a respeito do seu paralelo entre Canudos e a Vendeia⁸¹ —, Euclides seguiu fazendo referências aos eventos revolucionários franceses, como quando relatou, no dia 14 de Julho, os 21 tiros dados pelas tropas brasileiras em favor de uma “data de festa nacional”⁸² — dia da tomada da Bastilha —, ou mesmo quando, no início do capítulo IV de *A Luta*⁸³, compara a relação entre os *chouan* e as charnecas aos jagunços e a caatinga.

A Revolução segue em seu espectro interpretativo até o fim de sua vida, mas, como todos os conceitos já trabalhados por Euclides, esta também passa por seu júdice e é revista e criticada em *Contrastes e Confrontos*, de 1907. No ensaio, intitulado *Um Velho Problema*, publicado originalmente no dia do trabalhador de 1904 no *Estado de São Paulo*, Euclides revê seu posicionamento a respeito da revolução, que não conseguiu entregar a justiça social que havia prometido — justiça essa que, tempos depois, se tornou “a síntese de todo o programa econômico do socialismo”⁸⁴.

Euclides expressa uma profunda desilusão com os rumos da Revolução Francesa, ao apontar a contradição entre os ideais filosóficos iluministas e os desdobramentos práticos do processo revolucionário. Embora inspirada por princípios elevados — como liberdade, igualdade e

⁷⁹ “Desde a revolução francesa, tem sido usual interpretar toda insurreição violenta, seja revolucionária, seja contrarrevolucionária, como uma continuação do movimento originalmente iniciado em 1789, como se os tempos de paz e restauração fossem apenas pausas em que a corrente se fazia subterrânea para reunir forças antes de irromper novamente a superfície — em 1830 e 1832, em 1848 e 1851, em 1871, para citar somente as datas mais importantes do século XIX.” Tradução de Denise Bottmann. Cf. ARENDT, Hannah. *Sobre a Revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, pág. 82. Texto original em: ARENDT, Hannah. *On Revolution*. London: Penguin Books, 1990, pág. 50.

⁸⁰ VENTURA, Roberto. “A nossa vendéia”: Canudos, o mito da revolução francesa e a formação de identidade cultural no Brasil. In: Rev. Inst. Est. Bras. São Paulo: 31, p. 142, 1990..

⁸¹ CUNHA, Euclides da. *Os Sertões: campanha de Canudos*. Edição crítica e organização de Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Ubu Editora; Edições Sesc São Paulo, 2019, p. 172.

⁸² IBID. pág. 404.

⁸³ IBID., p. 231.

⁸⁴ CUNHA, Euclides da. *Um velho problema*. In: *Obras completas*. Organiz. Paulo Roberto Pereira. 2 v. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009. p. 792.

fraternidade —, a Revolução, segundo ele, não apenas traiu seus próprios fundamentos ao suplantiar os pensadores que a alimentaram, como também reproduziu novas formas de opressão, substituindo os privilégios da aristocracia pelos da burguesia. O autor critica duramente o individualismo burguês consagrado nos "direitos do homem", que desarticulou as antigas corporações populares e consolidou uma propriedade privada intocável, desprovida de senso social.

Essa decepção aparece com força na constatação de que, apesar da queda do Antigo Regime, o povo continuou despossuído, expulso da gleba para morrer livre sob o peso da miséria ou no sacrifício anônimo das guerras napoleônicas. A crítica se amplia ao mostrar como a tradição filosófica e teológica tentou justificar, sem sucesso, a fome e a miséria como direito natural ao roubo, sem, no entanto, alterar as estruturas sociais. Euclides vê nesse fracasso — tanto dos doutores medievais quanto dos utopistas iluministas — uma sequência de tentativas inócuas de resolver o problema da desigualdade. É apenas com Marx que, segundo ele, a justiça prometida assume contornos científicos e concretos, apta a corrigir a injustiça estrutural por meio da ação consciente da classe trabalhadora. Ainda assim, Euclides aponta que mesmo essa nova esperança depende do despertar da consciência coletiva, num processo evolutivo, não explosivo revolucionário — refletindo, talvez, sua madura descrença na violência como meio eficaz de transformação social.

O texto revela não só uma crítica à Revolução Francesa, como um aceno do autor ao socialismo marxista. Agora frustrado pelo progresso utópico ou sentimentalismos revolucionários, Euclides exalta o caráter empírico, objetivo e lógico da análise marxista, elogiando sua capacidade de transformar o problema social em uma questão concreta de produção e apropriação da riqueza. Ao destacar que o trabalho — e não a terra, nem o capital — é a verdadeira fonte do valor, ele reforça a tese de que a exploração dos trabalhadores é o centro da injustiça econômica moderna. Nesse sentido, sua adesão não é impulsiva nem doutrinária, mas derivada da constatação da realidade capitalista: os que produzem tudo são, paradoxalmente, os que menos possuem.

Essa desigualdade é ilustrada com especial força na comparação entre os trabalhadores e as máquinas, metáfora que Euclides utiliza com sua

contundente ironia e indignação. A máquina, propriedade do capitalista, é conservada com cuidado, lubrificada e restaurada quando danificada; sua falha representa prejuízo e lamentação. Já o operário — esse “aparelho de músculos e nervos” — é largado à própria sorte, marcado por doenças industriais e pela invisibilidade social. Quando morre, não há luto, apenas substituição. Essa analogia evidencia não apenas a desumanização imposta pelo sistema capitalista, mas também a realidade profunda e perversa de um modelo em que o instrumento vale mais que o homem, e onde o corpo do trabalhador é consumido com menos consideração do que o ferro das engrenagens.

Contudo, apesar da dureza do diagnóstico, Euclides termina com uma nota de esperança revolucionária, agora, contudo, não mais pela violência dos tempos de outrora, mas pela consciência e organização do proletariado. Ele vê com simpatia os socialistas evolucionistas, como Ferri e Colajanni, que propõem uma transformação social progressiva, paulatina, mediada pela elevação da consciência coletiva e pela reorganização política e econômica dos trabalhadores. Ao citar a resolução do Congresso Socialista de Paris de 1900, ele afirma que a revolução não é um meio, mas um fim, alcançável pela arregimentação política e econômica dos trabalhadores. E é nesse ponto que sua adesão ao socialismo encontra sua expressão mais poderosa e simbólica: “Para abalar a terra inteira, basta que a grande legião em marcha pratique um ato simplíssimo: cruzar os braços”⁸⁵.

⁸⁵IBID., p. 796.

3. A REVIRAVOLTA DE OPINIÃO: ANTÔNIO CONSELHEIRO E OS SERTÕES

3.1. CORRESPONDENTE: IDA A CANUDOS E ABANDONO DE IDEIAS NO SERTÃO

Euclides foi convocado para cobrir a Guerra de Canudos diretamente pelo editor chefe do jornal *A Província de São Paulo*, Júlio Mesquita. A ideia do convite surge logo após o governo anunciar o envio do Marechal Bittencourt, então Ministro da Guerra, para acompanhar os diversos revezes sofridos pelas tropas, que vinham se agravando com a morte de Moreira César e com a estagnação dos soldados de Artur Oscar.

Euclides despontava como a melhor opção para a empresa, desbancando diversos outros profissionais que o jornal dispunha, pois, na visão (cirúrgica) do editor, tal tarefa precisava ser desempenhada por quem fosse capaz de transcender à simples notícias, e Euclides surgia como alguém capaz de entender, comentar e concluir, não só pelo seu vasto repertório cultural, demonstrado em matérias pretéritas, mas também por sua experiência militar, que o colocara em posição privilegiada.

Em um primeiro momento, a ideia não agrada Euclides, que declina da proposta. Contudo, Júlio Mesquita insiste pelo autor, dessa vez sugerindo que, para além da matéria jornalística, Euclides estaria indo de encontro a um grande tema que poderia ser a matriz de um grande livro, a ser publicado pelo jornal, o que faz com que Euclides ceda.

Ele estava atento às notícias que saíam sobre o sertão baiano, e vivia o drama dos republicanos assombrados pelo fantasma da Monarquia⁸⁶, como demonstrara nos dois artigos já citados, publicados nos dias 14 de Março e 17 de Julho, respectivamente, intitulados *A nossa Vendéia*, após a

⁸⁶ CF: de Souza Andrade, Olímpio. *História e Interpretação de Os Sertões*. Organização de Walnice Nogueira Galvão. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2002. p. 115.

derrota da terceira expedição liderada por Moreira César. Os artigos, que fazem uma associação direta entre o movimento antirepublicano encabeçado pelos *chouans* franceses da Vendéia e o desenvolvimento do arraial de Canudos, apresentam, no primeiro, a topografia, flora e fauna do sertão, baseado em literatura especializada disponível à época, e depois, uma das melhores propagandas políticas que o exército brasileiro viria a ter até então, com análises das dificuldades que envolviam os combatentes militares na campanha; também trazia palpites, de natureza oracular, sobre o fim que levariam os então inimigos: “A República sairá triunfante desta última prova”⁸⁷.

Júlio Mesquita, já atrasado em relação aos principais jornais do Rio e da Bahia⁸⁸, envia um telegrama em caráter de urgência para o então Presidente da República, Prudente de Moraes, solicitando a incorporação de Euclides na expedição que levaria o Marechal Bittencourt a Canudos, na posição de adido do estado-maior do ministro:

Quero dever-lhe o favor de conseguir que Carlos Machado [Ministro da Guerra] nomeie para seu estado-maior o tenente Euclides da Cunha. Este é meu companheiro na redação do *Estado*. Tem talento de escritor, quanto dedicação de soldado republicano. Quer prestar serviços à República e preparar elementos para um trabalho histórico. O sr. compreende quanto, como redator do Estado, me interesse por esta nomeação. Peço resposta hoje. Júlio Mesquita⁸⁹

Euclides seria nomeado já no dia seguinte, no dia 30 de Julho, e seu nome seria confirmado pelo jornal paulista, divulgando não apenas uma mera viagem de correspondência, mas também lhe dando um papel ainda mais fundamental para o desenrolar da guerra: o de escritor de um trabalho histórico “de fôlego” que trataria não somente da guerra, mas também do líder dos jagunços, Antônio Conselheiro:

Devia ter sido ontem nomeado para o estado-maior de S. Excia. o ministro da Guerra o engenheiro militar dr. Euclides da Cunha.

O ilustre moço, que é um dos nossos mais distintos colaboradores, partirá para o Rio no vapor em que embarcar o 1º batalhão.

Por contrato firmado com esta empresa, o dr. Euclides Cunha nos enviará correspondências do teatro das operações e, além disso, tomará notas e fará estudos para escrever um trabalho de fôlego sobre Canudos e Antônio Conselheiro. Este trabalho será por nós publicado em volume.

⁸⁷ CUNHA, Euclides da. *Diário de uma expedição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 52.

⁸⁸ IBID., p. 12

⁸⁹ IBID., p. 13.

O dr. Euclides da Cunha é, como todos os nossos leitores sabem, um escritor brilhante e perfeitamente versado nos assuntos que vai desenvolver.

O seu trabalho, por conseguinte, será interessante e constituirá um valioso documento para a história nacional.⁹⁰

Poucos dias depois, no dia 4 de Agosto, Euclides partiria rumo à Bahia com toda a delegação do então ministro.

Euclides se arma de todas as informações possíveis, muitas já a disposição, utilizadas nas composições dos artigos até então homônimos ao seu pretensioso trabalho⁹¹, mas também boa parte com seu amigo próximo, Teodoro Sampaio, que participou da comissão de engenheiros, encabeçada pelo americano William Milnor Roberts, que surgiu com o objetivo de estudar os melhoramentos dos portos e a navegação interior dos grandes rios que desembocam na costa oriental⁹².

O ex militar, agora correspondente de guerra, chegava à capital baiana com *status* de celebridade. Não apenas sua chegada foi coberta por alguns jornais locais, como também as interações que teve com alguns interlocutores que o receberam, aos quais devemos informações biográficas preciosas. José Calasans e Walnice Nogueira catalogaram as notícias que serão apresentadas a seguir⁹³.

A primeira aparição que temos surge no *Diário de Notícias*, que, no dia 2 de agosto de 1897, informava sobre a nomeação de Euclides: “Foi nomeado o tenente reformado Francisco Euclides da Cunha para servir no estado-maior do ministro da Guerra, durante sua permanência na Bahia.”⁹⁴. A matéria que sai no *Correio de Notícias*, na semana seguinte, também noticia a chegada do ministro da Guerra e de Euclides, mas cita um suposto “criado” do autor, que o teria acompanhado na missão, o alferes Antônio F. da Fonseca. Coisa muito comum entre os militares, o jovem tratava-se apenas de um encarregado, mas esta é a única notícia que traz tal presença a luz. Em um outro momento, o mesmo periódico dá destaque ao

⁹⁰Edição do dia 30/07/1897, pág. 1, presente no acervo do jornal Estadão, que pode ser acessada pelo link: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/18970730-6831-nac-0001-999-1-not>

⁹¹ *Os Sertões* se chamaria, originalmente, “A nossa Vendéia”. CF: ANDRADE, Olímpio de Souza. *História e interpretação de Os Sertões*. 4. ed., rev. e aum. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2002. p. 131.

⁹² IBID pág 130-1.

⁹³ todas as notícias a seguir foram publicadas no diário de uma expedição (2002) e no calor da hora (CEPE)

⁹⁴ CUNHA, Euclides da. *Diário de uma expedição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 290.

correspondente do *Estado*: “Vem servindo junto ao estado-maior do sr. ministro da Guerra, durante o tempo em que estiver neste estado, o tenente reformado Euclides Rodrigues da Cunha”⁹⁵.

Os jornais *O Diário da Bahia* e *A Bahia* faziam menção honrosa, não somente ao escritor, como também ao trabalho a que ele se propunha a fazer, intitulado “*A nossa Vendéia*”⁹⁶. No *Diário*, temos a seguinte nota — que de maneira bastante curiosa coloca o ministro como *companhia* de Euclides, e não o contrário: “Tivemos ontem a satisfação de receber nesta redação a visita do sr. Euclides da Cunha, engenheiro militar, chegado ontem a bordo do *Espírito Santo*, em companhia do Ministro da Guerra, de cujo estado-maior faz parte. O Dr. Euclides vem incumbido pelo *Estado de S. Paulo* de estudar as condições geológicas do terreno de Canudos e escrever um livro sobre a atual guerra em que naquela localidade se empenha o exército nacional contra o fanatismo”⁹⁷. *A Bahia*, por seu lado, disse o seguinte: “tivemos ontem o prazer de cumprimentar ao sr. dr. Euclides da Cunha, nosso distinto colega do *Estado de S. Paulo*, o qual seguiu para Canudos fazendo parte do estado-maior do Sr. Ministro da Guerra. Pretende o nosso ilustre colega estudar a região de Canudos sob o ponto de vista militar e científico. Para levar avante tal projeto, não hesitou em abandonar a importante comissão que, como engenheiro militar, exercia em São Paulo. Agradecemos-lhe a gentileza da visita com que nos distinguiu”⁹⁸.

Por fim, o *Diário da Bahia*, ao fim da guerra, solta uma nota demasiado simpática ao tenente reformado, intitulada, inclusive, com o seu próprio nome: “No trem de ontem, chegou de Queimadas o provecto escritor cujo nome encima esta notícia. Com larga messe de documentos e tendo estudado profundamente as condições geológicas do solo de Canudos e étnicas diversas, o Dr. Euclides Cunha voltará em breve para São Paulo, onde vai escrever uma obra especial por solicitação do *Estado de S. Paulo*, cujo valor o seu aprimorado talento e grande cabedal científico deixam antever. Saudamo-lo efusivamente.”⁹⁹

⁹⁵ IBID., p. 291

⁹⁶ Ver nota 91.

⁹⁷ IDEM.

⁹⁸ IBID., p. 292.

⁹⁹ IDEM..

Apesar disso, mesmo com a recepção calorosa, nem tudo foram flores para o engenheiro militar. Todo o fervor com que buscou pesquisar os pormenores geográficos da Bahia e os antecedentes de Conselheiro para a interpretação dos fatos da guerra se tornou uma melancolia aborrecida pela morosidade dos processos do ministro. Relata Olímpio de Souza: “O Marechal Bittencourt, apenas atento às conversas que mantinha, às medidas que tomava em silêncio, punha água na fervura do entusiasmo do repórter, fazendo tudo sem dizer nada, absolutamente sem pressa, quase descansando sobre os fatos que procurava conhecer”¹⁰⁰. Em carta ao amigo Porchat, datada de 20 de Agosto, Euclides relata o medo de “não ir a tempo de assistir a queda do arraial maldito”¹⁰¹.

Em suas anotações, que descreviam as tais infindáveis semanas que passou na capital, Euclides falava do maravilhamento pela antiga cidade de Salvador, da monotonia do movimento da cidade, que levava soldados e trazia feridos; fala de depoimentos que recolheu no Mosteiro de São Bento, que recebia tais militares, que vão desde à batalha até detalhes sobre a vida do Conselheiro, e que lhe dão a confiança necessária a respeito da vitória do exército sobre os jagunços, expressando-a com frases como “breve pisaremos em solo onde a República vai dar com segurança o último embate aos que a perturbam”¹⁰². Também escreveu sobre notícias que chegavam através dos capturados da guerra, e que Euclides, habilmente, conseguia extrair com perguntas contundentes.

Em uma dessas entrevistas, do dia 19 de Agosto, ele direciona perguntas a um jagunço adolescente, trazido do arraial pelo coronel Carlos Teles para um interrogatório. Acompanhando a condução das perguntas feitas pelo coronel, Euclides ouve atentamente as descrições feitas pelo jovem, de nome Agostinho, sobre os principais líderes de Canudos. Impressiona-se com a descrição feita de Conselheiro: era exemplar na higiene das roupas e do corpo, com rosto magro e bem cuidado, e vivia recluso no santuário. Com amplo domínio sobre o arraial, recebia a todos os visitantes soberano, com estes de olhos abaixados, dirigindo ordens que, das

¹⁰⁰ ANDRADE, Olímpio de Souza. *História e interpretação de Os Sertões*. 4. ed., rev. e aum. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2002. p. 134.

¹⁰¹ CUNHA, Euclides da. *Diário de uma expedição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 283

¹⁰² IBID., p. 67

mais cruéis que pudessem parecer, eram cumpridas religiosamente. Falou da ordem a respeito de um tal traidor de nome “Mota”, que revelou informações internas ao exército, ordenou que toda a família e ele fossem mortos; falou sobre as viúvas que, cedo esqueceram seus maridos, e que, como pena, foram chicoteadas em público e expulsas do arraial; narrou o episódio da aguardente, terminantemente proibida, que teve um carregamento clandestino de mais de doze barris sendo destruído no centro da praça para servir de exemplo. Ainda assim, disse, reinava em Canudos uma tolerância ampla da parte do Conselheiro, que, por exemplo, autorizava a ida do Vigário de Cumbe que, com visitas quinzenais, comandava batizados e casamentos dos sertanistas, sendo recusados apenas os sermões¹⁰³.

Tal entrevista impressiona Euclides após este tomar a frente das perguntas, inquirindo sobre a natureza das armas usadas pelos jagunços. Ao responder sobre sua origem, o jovem diz que elas provêm das primeiras expedições, visto que o armamento dos jagunços era pouco e servia somente para a caça, com no máximo sete armas mais pesadas. Os canhões que restaram da expedição de Moreira César, por não entenderem a função, inutilizaram-o. Uma pergunta põe fim ao relato, para o espanto de Euclides: o que promete Conselheiro aos combatentes, já que não promove milagres ou nenhum bem material? “A salvação da alma”, responde o garoto. Isto opera em Euclides seu primeiro passo atrás em relação às suas ideias a respeito de Canudos, à época, comuns a toda comitiva. Afirma: “não mentem, não sofismam e não iludem, naquela idade, as almas ingênuas dos rudes filhos do sertão”¹⁰⁴.

O escritor, enfim, chega em Canudos no dia 16 de Setembro — mais de um mês após a saída do Rio, em sua comitiva com Marechal. Ao atingir tais terras, espanta-se com a metamorfose promovida pelo meio em antigos conhecidos, que rapidamente tomaram a feição pálida, pele bronzeada, roupas maltrapilhas e higiene precária. Criou, para esse processo, um verbo inevitável: ajagunçar-se¹⁰⁵. Outra coisa chamou-o a atenção, arrebatado pela natureza sublime que o cercava: o fato de que nenhuma das milhares de

¹⁰³ IBID. p. 111-5.

¹⁰⁴ IBID. p. 115.

¹⁰⁵ IBID., p.156.

mentes aliadas, que passaram por ali, militares ou civis, preocupou-se em descrever as características geológicas locais, ou mesmo consideraram sua análise para estratégias de guerra. Viu não só um furo, como a grande estratégia que fazia os jagunços despontarem, a ponto de ser necessário apenas um homem deles para derrubar todo um batalhão do exército, como em cena narrada no dia 10 de setembro pelo autor em seu diário¹⁰⁶. Com pólvora feita pelo solo sertanejo, que não soltava fumaça, e trincheiras que se assemelhavam a todo o resto do arraial, de um bronze-avermelhado e com contornos quase inexistentes, os jagunços invisíveis levavam vantagens em todas as frentes. Euclides prontamente se coloca à frente do problema e cataloga, detalhada e incansavelmente, todos os mínimos aspectos que seu olhar sensível alcançava, fato que destacava-o do restante dos correspondentes. Olímpio de Souza Andrade cita o espanto de seu ordenança com o enorme saco de pedras que o autor coletou para exame posterior¹⁰⁷. No que diz respeito à cidade, encontrou-a bastante destruída e vazia pelos constantes bombardeios, e também pela situação extrema vivida pelos moradores, ocasionada pelo corte do fornecimento de água e alimentos promovidos pelo exército. Tal situação provavelmente enviesou seu julgamento a respeito do arraial¹⁰⁸.

Pouco tempo depois de chegar, em 26 de Setembro, relata a captura de alguns reféns, dos quais se destaca uma viúva, que não consegue responder a respeito do número de sertanejos que habitavam Canudos por só saber contar até quarenta, mas que, contudo, relata, enfurecida, que em Canudos não faltam armas e nem soldados para lutar¹⁰⁹. Em passagem curiosa, Euclides conta que em má hora direciona-lhe uma pergunta: “onde estava seu marido quando este foi morto?”, e ela responde prontamente, fulminando-lhe a curiosidade: “E eu sei? Agora querem saber de tudo, do miúdo e do grande. Que extremo!”¹¹⁰.

¹⁰⁶ IBID., p. 174.

¹⁰⁷ ANDRADE, Olímpio de Souza. *História e interpretação de Os Sertões*. 4. ed., rev. e aum. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2002. p. 171.

¹⁰⁸ VENTURA, Roberto. *Euclides da Cunha: esboço biográfico*. 2. ed. ampl. Organizado por Mário César Carvalho e José Carlos Barreto de Santana. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 180.

¹⁰⁹ CUNHA, Euclides da. *Diário de uma expedição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 188.

¹¹⁰ IDEM

No dia 29, acompanhado dos generais Artur Oscar e Carlos Eugênio, do tenente-coronel Menezes e alguns outros oficiais, Euclides sai a um passeio a cavalo por Canudos, tido pelo correspondente como “perigosamente atraente”, pelo perigo de ser alvejado pelos jagunços, “embrenhando-se inteiramente na tapera colossal”¹¹¹. Lá, em um primeiro momento, uma imagem choca o autor: encontrou casas ainda fumegando, totalmente destruídas, com os cadáveres carbonizados dos inimigos. A disposição das casas passava a impressão de terem sido subidas às pressas, sem um planejamento prévio, “incapazes de formar uma rua”. A simplicidade do seu interior o colocava em xeque: seus quintais abandonados, incapazes de possuir um jardim, viam-se privados de “uma árvore, ou um pé de flor”¹¹². A vida ali se mostrava incompreensível; eram locais escuros e sem ar, muitos sem janelas, tendo como única abertura uma porta estreita. Da mobília se identificavam um banco grosseiro, ou seja, uma tábua em cima de quatro pernas, dois ou três banquinhos, redes maltrapilhas usadas para o descanso, sem nenhuma cama ou mesa apropriada. Pendurada na parede, encontrava-se a borracha utilizada para a coleta de água e uma bolsa para caça. Desolado pelas imagens que viu, Euclides retorna ao acampamento atravessando as casas vermelhas dos sertanejos.

Sua última correspondência enviada do local, publicada no dia 1 de outubro — inclusive a de maior fôlego —, inicia com todo o aparato poético e olhar sensível que o autor dispunha, ao descrever o amanhecer de Canudos como a mais fina flor disponível em seu repertório, que, comparado ao de Minas ou de São Paulo, despontava por sua beleza única, com a amplidão da terra que surgia sendo beijada pela luz ardente do sol. Tal deslumbramento, entretanto, é interrompido logo em seguida, com o som dos fuzis e das bombas que desvirginava a alvorada sertaneja — curiosamente úmida, naquela manhã —, provindas do encontro “crudelíssimo” entre as tropas e os seus “selvagens adversários”. Euclides assistiu aos eventos da sede da comissão de engenharia, com visão panorâmica do alto. A cena que relata é terrível:

“A artilharia fez estragos incalculáveis nas pequenas casas, repletas todas. Penetrando pelos tetos e pelas paredes as granadas explodiam nos quartos

¹¹¹IBID., p. 200.

¹¹²IBID., 202.

minúsculos despedaçando homens, mulheres e crianças sobre os quais descia, às vezes, o pesado teto de argila, pesadamente, como a laje de um túmulo, completando o estrago. Parece, porém, que os malferidos mesmo sofriam os brados da agonia e os próprios tímidos evitavam a fuga, tal o silêncio, tal a quietude soberana e estranha, que pairavam sobre as ruínas fumegantes, quando, às 6h48', cessou o bombardeio.”¹¹³

Jamais alheio, e já agora parcialmente convencido das atrocidades das tropas, Euclides mantém seu apelo de que os sertanejos deveriam ser incorporados ao corpo social brasileiro, e que esta seria a real conquista que aquele conflito poderia gerar, visto que o “heroísmo soberano” e a “coragem estóica”, que destacavam os “rudes patrícios do sertão” davam à sua incorporação na política nacional a nossa “mais bela vitória”¹¹⁴.

Nessa operação morreram o major Queiroz e o Tenente-Coronel Tupi Caldas. Este, inclusive, relata Euclides, o encontrara na noite anterior ao fato, endereçando-lhe palavras amistosas sobre um presente enviado — uma arma que teria feito sucesso em São Paulo, caso o autor tivesse aceitado —, e falando sobre sua recusa em permanecer recolhido na manhã seguinte, mesmo sob ordens do general Artur Oscar, por acreditar que não se deve “ficar na cama no fim da festa, logo quando vão distribuir os doces...”¹¹⁵.

O cenário que descrevia no seu último relato sobre Canudos era sombrio e lembrava os mais profundos vales do inferno de Dante: o fogo se alastrava, consumindo os casebres, seus moradores, e os cadáveres que restavam da batalha; os tiros ininterruptos criavam a pior das hecatombes jamais imaginadas pelo autor, levando, bem a sua frente, o sopro de vida de um soldado que bradava a eternidade da república em um “viva!” fremente; os hospitais de sangue acumulavam soldados feridos no chão ao redor, pois, por se encontrar lotado, já não eram capazes de receber os infindáveis corpos que chegavam a todo momento, ensanguentados, acumulados, com feridas expostas e um perturbador ruído de gemidos e bramidos, vindos dos feridos que, aos poucos, abraçavam o sentimento sereno em relação a morte inevitável; tal ruído macabro e lúgubre só era interrompido pelo zunido das moscas que convidavam *Thanatos* ao local, abrasado pelo sol infrene que ardia as feridas. Euclides lamenta a imagem, que segundo relata, somente

¹¹³ IBID., p. 207.

¹¹⁴ IBID., p. 208.

¹¹⁵ IBID., p. 209.

pôde ser bem definida pelo autor florentino: “Quando à uma hora da tarde contemplei o quadro emocionante e extraordinário, compreendi o gênio sombrio e prodigioso de Dante. Porque há uma coisa que só ele soube definir e que eu vi naquela sanga estreitíssima, abafada e ardente, mais lúgubre que o mais lúgubre vale do *Inferno*; a blasfêmia orvalhada de lágrimas, rugindo nas bocas simultaneamente com os gemidos da dor e os soluços extremos da morte.”¹¹⁶.

Este foi o último relato enviado por Euclides que, pouco depois, se retiraria da guerra, na manhã do dia 3 de Outubro, dois dias antes do fim da batalha, por uma “febre” que o atacara pelas condições delicadas a qual se submeteu: noites insones pelos tiros, alimentação precária e, principalmente, pelo cenário da guerra. O próprio autor relata, ao fim da matéria, o que seria sua “reviravolta de opinião”. Saiu daquele último dia desapontado, abandonando ideais antigos que nutria sobre os homens em Canudos: “perdidos, naquela sanga maldita, compartilhando o mesmo destino dos que agonizavam manchados de poeira e sangue...”¹¹⁷

Euclides tem a oportunidade perfeita de expressar sua melancolia pouco tempo depois. No dia 14 de Outubro, chega em Salvador vindo de Canudos. Ainda com o *status* de celebridade, recebe um pedido um tanto inusitado: uma jovem, Francisca Prager Fróes, lhe entrega um álbum florido para que ele assine. Os versos, intitulados *Página vazia*, expressam os sentimentos do engenheiro militar que, devastado pela guerra, se mostrava incapaz de descrevê-los de qualquer outra maneira:

Quem volta da região assustadora
De onde eu venho, revendo inda na mente
Muitas cenas do drama comovente
Da Guerra despiedada e aterradora,

Certo não pode ter uma sonora
Estrofe, ou canto ou ditirambo ardente,
Que possa figurar dignamente
Em vosso Álbum gentil, minha Senhora.

E quando, com fidalga gentileza,
Cedeste-me esta página, a nobreza
Da vossa alma iludiu-vos, não previstes

Que quem mais tarde nesta folha lesse
Perguntaria: ‘que autor é esse

¹¹⁶ IBID., p.216-7.

¹¹⁷ IBID., p. 218.

Sai da Bahia no dia 17 de Outubro. O jornal *Diário da Bahia* lhe dedica uma já citada nota muito simpática, de título “Dr. Euclides da Cunha”. O interessante da nota é que, para além da viagem ao Rio de Janeiro, o jornal também destaca o documento literário que estava por vir:

A bordo do vapor nacional *Brasil* seguiu ontem para o Rio de Janeiro, de onde partirá para S. Paulo, o ilustrado jornalista sr. Euclides Cunha, que viera a este estado, em comissão do *Estado de S. Paulo*, de que é emérito redator. Tendo partido em companhia do sr. ministro da Guerra para Canudos, onde esteve desde 17 de setembro até 3 de outubro, pôde assistir aos grandes combates de 24 daquele mês e 1º de outubro, conseguindo fazer os estudos que precisava para o livro que a respeito da guerra de Canudos, condições étnicas e zoológicas daquele lugar vai escrever. Dispensamo-nos de acrescentar a essas linhas quanto de valioso para a história e para as letras nacionais será esse livro, que a pena laureada do distinto engenheiro vai traçar. Conhecem já os nossos leitores, todo o público baiano, o vigor e o brilhantismo de seu aparelhado talento e o critério de seus conceitos tão lucidamente externados nas cartas que temos dado à estampa, de sua correspondência para o mencionado jornal paulista. Tivemos a ventura de merecer-lhe viva simpatia e espontânea estima, testemunhadas na convivência que desde sua chegada a esta capital estabeleceu entre nós. E devemos declarar que, se no distinto colega de imprensa reconhecemos uma aprimorada mentalidade, reconhecemos igualmente um cavalheiro de escola e um caráter superior. Registrando a sua partida desta capital, cumpre-nos testemunhar-lhe nosso agradecimento à gentileza e liberalidade do seu espírito. Aos nossos leitores devemos comunicar que, por espontâneo e generosíssimo oferecimento seu, o distinto jornalista será no estado de São Paulo o nosso correspondente. Inestimável serviço esse que nos vai prestar o digno paulista, a quem desejamos a mais feliz viagem.¹¹⁹

Alguns dias depois, no dia 23 de Outubro, com Euclides já em sua casa, o *Jornal do Comércio* sobe uma outra matéria, de conteúdo muito curioso e importante para seus pesquisadores, a respeito do que seria o sumário d’*Os Sertões* àquela época, quando o livro ainda intentava-se chamar “A nossa Vendéia”. Segue a matéria a seguir:

Agora, vamos noticiar o breve aparecimento de um importante livro, a *Nossa Vendéia*, que está escrevendo o dr. Euclides da Cunha, representante aqui de *O Estado de São Paulo*. Eis o esboço das duas primeiras partes deste trabalho sobre Canudos:

A natureza — Caracteres físicos. feição topográfica. Formação geológica. Região em grande parte estéril. (Primeira categoria de Hegel.) A flora. A

¹¹⁸ CUNHA, Euclides da. *Poesia reunida*. Organizadores: Leopoldo M. Bernucci e Francisco Foot Hardman. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p. 276.

¹¹⁹ CUNHA, Euclides da. *Diário de uma expedição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 294.

fauna. Frutificação incerta e temporânea. Rios e riachos de enchente súbita, correndo sem fertilizar a terra. As secas. Uma observação de Martius. Da seca ao verde, transição enorme e rápida. Um paraíso no deserto, surgindo e desaparecendo. Aspectos dos tabuleiros e das chapadas. O Rosário, o Riacho do Vigário. Serra do Cambaio e do Caipã. Cocorobó. Massacarã. Baluartes *sine calcis lenimento*.

O homem — Caracteres físicos. Alimentação. Habitação. A coragem pessoal. Vida animal. O exorbitante prejudicando as funções intelectuais e morais.

A capacidade étnica da raça corrigirá as ações nosológicas.

A influência diária de um solo árido. Vida nômade. Frugalidade explicada pela altura térmica. Imprevidência, indiferença pelo futuro. Conflito entre os elementos da vida individual e a vida coletiva. Sociedade inconsistente. Predomínio das funções individuais. Aspecto atraente das chapadas, inculcando a vida aventureira. Um isolador étnico. Insulamento do sertão determinando a conservação de velhos costumes e erros. Regresso ao tipo indígena pela não infusão de elementos estranhos. Infantilidade. Imaginação viva. Reflexão morosa. Resistência à dor. O terror religioso. A moralidade. Exemplos de delicadeza normal. Espírito negativo. A desconfiança. As santas missões. Vocabulário.¹²⁰

Neste sumário temporário e incipiente podemos ver algumas intenções que se concretizaram posteriormente, e outras que se justificam pelo contexto. Em um primeiro momento, vemos a separação que ficou famosa entre o meio e o humano, fato inclusive notado pelo colunista anônimo que escreveu a matéria: “É como se vê, um livro importante, prendendo-se uma concepção geocêntrica do nosso tabaréu”¹²¹. A terceira parte do que depois viria a ser *Os sertões*, ainda não olvidada no sumário primevo, certamente se justifica pelo caráter de denúncia que ganha o livro. Ela buscaria responder, ainda, algumas questões, que diziam respeito não somente à guerra e ao massacre fratricida, mas também da influência que a natureza teve na batalha, moldando os jagunços e atrasando as tropas brasileiras.

Agora em São Paulo, Euclides resguardou-se na fazenda do pai em Descalvado para curar-se da febre. Retirou-se de Canudos em silêncio, tal como os soldados que retornavam da 1ª guerra, lembrados por Benjamin¹²², pois simplesmente não tinha o que falar. Silenciou sobre fatos que retomaria depois, em *Os Sertões*, como o estupro de mulheres, o seu tráfico junto de crianças, e a degola de prisioneiros já rendidos. Acompanhava as notícias nos jornais a respeito do regozijo da população pelo êxito do exército que

¹²⁰IBID pág. 295

¹²¹IDEM

¹²²BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. 8. ed., 3.^a reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 2016. p. 114–119

tomavam o país “principalmente no Rio e em São Paulo, com bandas de música percorrendo as ruas embandeiradas, edifícios públicos iluminados, expedientes de repartições suspensos, discursos patrióticos que se sucediam”¹²³. Certamente se entristecia com tais notícias.

¹²³ANDRADE, Olímpio de Souza. *História e interpretação de Os Sertões*. 4. ed., rev. e aum. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2002. 180.

3.2. A MUDANÇA DE OPINIÃO NA ANÁLISE DO CONSELHEIRO E DE CANUDOS

Como tudo na obra de Euclides, a figura de Antônio Conselheiro também é envolta de contradições e riqueza de detalhes. Embora tenha voltado atrás a respeito do que de fato se passava em Canudos e do papel do sertanejo na sociedade brasileira, ele precisou manter algumas de suas convicções a respeito do beato. Roberto Ventura destaca a importância de reconhecer a maneira como Euclides projeta sobre Antônio Conselheiro muitas de suas obsessões, como “o temor da sexualidade, da irracionalidade, da loucura, do caos e da anarquia”¹²⁴. A figura do pastor e da comunidade que erigira surgiam como um verdadeiro desvio histórico, capaz de subverter o domínio ético corrente, ancorado na crença do progresso, e representado por uma “linha reta que ele, Euclides, se impusera desde a juventude”¹²⁵. Sobre isso, enquanto ainda era correspondente, Euclides afirmou:

Porque — consideremos o fato sob seu aspecto real — o que se está destruindo neste momento não é o arraial sinistro de Canudos: — é a nossa própria apatia enervante, a nossa indiferença mórbida pelo futuro a nossa religiosidade indefinível difundida em superstições estranhas, a nossa compreensão estreita da pátria, mal esboçada na inconsistência de uma população espalhada em país vasto e mal conhecido; são os restos de uma sociedade velha de retardatários tendo como capital a cidade de taipa dos *jagunços*.¹²⁶

¹²⁴ VENTURA, Roberto. *Euclides da Cunha: esboço biográfico*. 2. ed. ampl. Organizado por Mário César Carvalho e José Carlos Barreto de Santana. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 212.

¹²⁵ IDEM.

¹²⁶ CUNHA, Euclides da. *Diário de uma expedição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 91.

Logo na primeira frase do capítulo IV de *Os Sertões*, Euclides apresenta ao leitor a figura do Conselheiro através de uma metáfora tirada de um processo geológico, buscando descrever sua ascensão “das camadas mais profundas da nossa estratificação étnica” até à margem da História. A metáfora é tão eloquente que faz com que L. Bernucci dedique, em uma nota, sua definição: “anticlinal [é] a dobra, curvamento ou flexão que sofrem as rochas, cujos flancos se voltam para baixo e cuja convexidade se volta para cima; anticlínico”¹²⁷. A palavra, segundo o autor, ilustra o que acontece com as rochas e explica bem o fenômeno que atravessa a existência do Conselheiro. Prossegue Bernucci em sua análise:

“As várias estratificações rochosas e as suas diferentes posições, sejam contíguas ou superpostas, ajudam o geólogo a deduzir sobre a existência e a idade de montanhas em épocas remotas. Assim, camadas mais antigas afloram à terra superpondo-se às estratificações mais recentes. O paralelo é extremamente ilustrativo, porque através dele entendemos como um indivíduo arcaico — o Conselheiro — chegou à superfície da História. O asceta é o resultado de toda uma longa e complexa tradição dos fanatismos religiosos que agora se atualiza nos sertões do Nordeste. Mas como tal, explica também o seu desequilíbrio psíquico como indivíduo”¹²⁸.

Além de definições várias que se esforçou em criar para representar o líder dos sertanejos, Euclides também buscou interpretar a influência do pastor a partir de poemas encontrados em Canudos durante suas visitas, de cunho milenarista, o que tornava suas pregações repletas de misticismo e o colocavam dentro de uma linha de fatos que ligavam o movimento de resistência do arraial a outros dois movimentos famosos na história do país: de Juazeiro e de Contestado¹²⁹. Propôs que Canudos seguiria uma crença Sebastianista e Messiânica, quando na verdade, os únicos escritos que chegaram do pastor até nós, revelam um líder religioso muito aproximado do catolicismo primitivo ortodoxo, que via no sofrimento o caminho para a redenção e para a vida eterna¹³⁰.

¹²⁷CF: nota de rodapé nº 1 IN: CUNHA, Euclides da. *Os Sertões: campanha de Canudos*. Edição, prefácio, cronologia, notas e índices por Leopoldo M. Bernucci. São Paulo: Ateliê Editorial; Imprensa Oficial do Estado, 2001. pág. 251.

¹²⁸ IDEM.

¹²⁹ VENTURA, Roberto. *Euclides da Cunha: esboço biográfico*. 2. ed. ampl. Organizado por Mário César Carvalho e José Carlos Barreto de Santana. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 212.

¹³⁰ CONSELHEIRO, Antônio. *Antônio Conselheiro por ele mesmo*. Organização de Pedro Lima Vasconcellos. São Paulo: Melhoramentos, 2017.

O equívoco em questão não apaga o fato de que Euclides tenha se valido de muitos dados biográficos do autor, de fontes que estudaram sua vida pretérita, buscando promover uma análise etiológica do Conselheiro. Segundo defende, a tragédia da vida do beato, assim como sua degeneração psíquica, vêm de sua árvore genealógica, em eventos que começam entre a família Maciel e a Araújo, famosas no sertão do Ceará, no ano de 1833¹³¹.

Conta o autor que a guerra — uma das mais sangrentas dos sertões do Ceará — começa por um roubo de influência da família dos Maciel em uma região historicamente dominada pelos Araújo, e isso não era visto com bons olhos pelos seus principais integrantes: Araújo da Costa e Silvestre Rodrigues Veras. Surgem, então, rumores de invasões e pequenos furtos da família de Conselheiro às propriedades daqueles, que pertenciam a uma família rica, “filiada a outras das mais antigas do norte da província”¹³², quando na verdade, os Maciel eram “homens vigorosos, simpáticos, bem apessoados, verdadeiros e serviçais”, que gozavam de uma “reputação invejável” nos sertões.

Na primeira investida dos Araújo contra os Maciel, nas redondezas de Quixeramobim, estes levaram a melhor, após contarem com apoio de alguns capangas e “parentela desempenada”. Inconformados com a derrota para a pobre família, armaram um retorno mais energético a despeito do anterior: contrataram os serviços de alguns dos melhores guerreiros do cangaço, como José Joaquim de Meneses e Vicente Lopes, famosos por batalhas sangrentas.

Agora juntos, a família Araújo e os cangaceiros guerreiros cercaram a propriedade dos Maciel. Contudo, evitando a temeridade com que foram recebidos da primeira vez, resolveram propor uma trégua: propuseram aos pequenos comerciantes que estes se entregassem pacificamente para que fossem levados à cadeia de Sobral, com o bônus de terem suas vidas poupadas. Tiveram sua proposta aceita. Entretanto, não cumpriram com sua palavra e promoveram um assassinio covarde, findando com os detentos, que não tiveram chance de se defender por estarem algemados e amarrados

¹³¹CUNHA, Euclides da. Os Sertões. Edição de Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Ubu, 2019. p. 147.

¹³² IDEM.

no caminho da cadeia. Morreram na ocasião o avô de Conselheiro e o chefe da família, Antônio Maciel.

Miguel Carlos, um dos parentes, consegue escapar de maneira inexplicável: tendo seus braços e pernas amarrados por baixo da barriga de um cavalo, tomou as rédeas do equino e fugiu cavalgando em companhia de sua irmã. Exausto, escondeu-se em uma pequena casa num sítio chamado “Passagem”. Ao ser alcançado pelos Araújo, começa um tiroteio “contra a horda enraivecida”. Mata, de cara, um guerreiro que se aproximava do casebre em que se escondia. Seu corpo, estendido na frente da porta, impede que esta se feche, e sua irmã se adianta para retirá-lo de lá. Esta morre, atravessada por um tiro enviado por Pedro Veras, chefe da expedição, durante a tarefa. O algoz logo é morto pelo irmão enlutado. Como resposta, de forma covarde, as tropas dos Araújo incendeiam a choupana, que obriga que Miguel fuja como um herói grego criado por Homero.

O parente de Conselheiro morrerá algum tempo depois, ao cair em uma emboscada enquanto banhava-se em um rio. Contudo, o desfecho de sua vida se deu não sem um fato grandioso, narrado pelo cronista Coronel João Brigido, de quem Euclides empresta as informações: “Moribundo [após tiro fatal], Miguel Carlos lhe respondeu no mesmo instante com outra facada na carótida, morrendo ambos instantaneamente, este por baixo daquele”¹³³.

Uma vez relatada essa breve história sobre sua família, Euclides retoma o zoom na biografia de Conselheiro que, sob o encalço do pai, foi um jovem tranquilo, tímido, e sem o “entusiasmo feliz das primeiras escalas da vida”¹³⁴. Teve uma educação “que o amansou”, com sua personalidade limitada pela sisudez do pai. Este morre em 1855, vinte anos depois da guerra familiar que seu sobrenome protagonizou, deixando Antônio, que ainda não era Conselheiro, com a guarda de três irmãs solteiras, levando uma vida “corretíssima e calma”¹³⁵.

Antônio Maciel assume os negócios do pai após sua morte e casa-se dois anos depois com sua prima Brasilina Laurentina de Lima. Muda-se, em 58, para Sobral, onde se tornará professor primário, para filhos de

¹³³CF: *Crimes Celébrs do Ceará. Os araujos e Maciéis*. de Coronel João Brigido, citado por Euclides in: *Os sertões*, pág. 262.

¹³⁴ IBID., p. 264.

¹³⁵ IDEM.

comerciantes e fazendeiros locais, e também rábula, defendendo os mais pobres e desfavorecidos por baixos honorários. Em 61, pouco tempo depois, opera-se sua grande mudança ao ver sua esposa traindo-o com um certo sargento da polícia na cidade onde moravam, em Ipu Grande. É neste momento que sai em romaria pelo Sul do Ceará, procurando o anonimato que as veredas dos sertões lhe proporcionariam. A primeira notícia pejorativa que surge sobre suas atividades como líder religioso acontece no jornal *O Rabudo*, de Sergipe, no ano de 1874¹³⁶.

O Conselheiro costumava chamar a atenção pelas cidades que visitava por sua aparência, já com aspectos de beato: sombrio, com longos cabelos e barba indomada, muito magro, dentro de seu característico roupão azul e sem cinturas, e apoiado por sua bengala messiânica, que ajuda a encerrar seu estereótipo. Vivia de esmola, mas costumava devolver tudo que lhe era ofertado em demasia; recusava-se a deitar em camas ou redes, optando, antes, por tábuas ou mesmo o chão. Suas vestes e seu estilo de vida não só chamava para si os olhares curiosos, como mesmo começou a criar adeptos que começavam a segui-lo nas andanças. Cita Euclides, em *Os Sertões*, um artigo que provavelmente foi publicado pelo Diário da Bahia em 1876¹³⁷:

“Apareceu no sertão do norte um indivíduo, que se diz chamar Antônio Conselheiro, e que exerce grande influência no espírito das classes populares servindo-se de seu exterior misterioso e costumes ascéticos, com que impõe à ignorância e à simplicidade. Deixou crescer a barba e cabelos, veste uma túnica de algodão e alimenta-se tenuamente, sendo quase uma múmia. Acompanhado de duas professoras, vive a rezar terços e ladainhas e a pregar e dar conselhos às multidões, que reúne, onde lhe permitem os párocos; e, movendo sentimentos religiosos, vai arreganhando o povo e guiando-o a seu gosto. Revela ser homem inteligente, mas sem cultura”.

O imaginário popular agiu em torno de sua existência e criou diversas narrativas sobre sua vida pretérita. Em uma dessas lendas, Conselheiro teria matado sua esposa e sua mãe, em uma cena digna do teatro de Ésquilo. Euclides a toma de empréstimo e também a descreve em *Os Sertões*. Segundo conta, ao chegar nas paragens da cidade de Itapicuru,

¹³⁶ CF: Antônio Conselheiro, *Antônio Conselheiro por ele mesmo*, org. Pedro Lima Vasconcellos. São Paulo: Melhoramentos, 2017. Calendário da contracapa.

¹³⁷Observação levantada por L. Bernucci em uma de suas anotações sobre os Sertões. Euclides diz que tirou o trecho da *Folhinha Laemmert*, de 1877, mas esta não se encontra lá. CF: *Os Sertões* pág. 270.

foi preso, acusado de ter assassinado sua mãe e esposa. Conta que a sua mãe, Maria de Jesus, não gostava da nora e planejava maneiras de afastá-la de seu filho. Diz, então, a Antônio, que sua amada o traía enquanto este saía para trabalhar. Aconselha-o, entretanto, para que este finja, na calada da noite, que está indo cumprir algum compromisso, mas que retorne e se esconda, pois assim seria possível ver o adúltero rompendo os limites de sua casa em direção à traidora. Assim consente o Conselheiro, que sai a cavalo e dá meia volta. Espreitando sua casa com olhar atento, este vê um vulto se aproximando e ameaçando entrar no local. Se precipita, atira no sujeito misterioso, invade a casa e mata sua esposa, que repousava em pleno sono no leito. Ao retornar à cena do primeiro assassinato, retira o capuz que envolvia o morto e se espanta com o ocorrido: o vulto era, na verdade, sua mãe, que se fantasiou para aplicar-lhe um golpe definitivo que o afastaria da amada. Este, em estado de horror, foge sertões adentro iniciando sua peregrinação.

Essa história, tão bem elaborada, foi tão influente que chegou à capital e foi transformada em peça e publicada em 8 folhetins no *Jornal do Brasil*, entre os meses de Fevereiro e Março do ano de 1897, por Julio Cesar Leal. Este, por sua vez, alguns meses depois, em Agosto, se usa dessa lenda do Conselheiro para fundamentar um dos poucos artigos da época em favor dos sertanejos, também publicado pelo mesmo jornal. Segundo defende, os principais responsáveis pela Guerra de Canudos, que causou demasiada tristeza e “hecatombes de sangue”, foram os vigários, invejosos do poder persuasivos de Conselheiro, que agiram através da Igreja Católica, e o então Governador da Bahia, que aceitou a apelação do Arcebispo local e enviou as primeiras tropas ao Arraial. As denúncias dos religiosos começaram quatro anos antes do início da guerra, com a queixa dos párocos de que o Conselheiro “em suas passagens pelas vilas e povoações, acompanhado de grande número de homens, mulheres e crianças, arrebanhar e conduzia para o seu aprisco — todas as ovelhas do senhor.” Porém, defende o colunista, “a religião não se impõe”, e os párocos baianos resumem seus atos religiosos aos hábitos romanos da missa aos domingos rezada em latim, os batizados, confissões e os casamentos. Sua mensagem não chegava ao povo simples do sertão. Não havia “uma palavra de doutrina, nem um ensinamento moral,

nem uma explicação evangélica”. O Conselheiro, entretanto, “edificava templos a Cristo e cemitérios aos mortos”¹³⁸.

A falta de poder de tais padres os obrigavam a promover denúncias: “Fazia-se necessária a intervenção política do governador da Bahia.”. As constantes investidas do Estado da Bahia contra Canudos obrigou o Conselheiro, que alimentava a alma de todos os seus seguidores, a aceitar a luta armada. “À disposição do velho Conselheiro puseram-se homens, dispostos como os seus, às lutas encarniçadas; dinheiro, muito dinheiro; armas, munições e artifícios de guerra, víveres; em uma palavra, todos os meios materiais indispensáveis para a máxima resistência”. Mediante tal oferta não “vacilou o desgraçado velho, e, dentro em pouco tempo, ele, o ermitão, o pacífico e humilde Antônio Conselheiro, era o chefe supremo de uma revolta medonha!”. Segundo sua narrativa, o Conselheiro, que começou sua peregrinação buscando expiar os pecados pelas mortes de sua mãe e esposa, foi obrigado a abandonar sua vida ascética para resistir junto com Canudos.

A despeito das diversas narrativas que circunscreveram a vida de Antônio Conselheiro, o fato é que este foi realmente preso em 1876 sob acusação de ter matado esposa e mãe, contudo, foi logo libertado ao se verificar que a notícia era falsa¹³⁹.

O Conselheiro foi um exímio leitor, muito conhecedor das doutrinas católicas e capaz de articular em seus escritos — *Os apontamentos dos preceitos da Divina lei do Nosso Senhor Jesus Cristo, para a Salvação dos homens*, de 1895, e *Tempestades que se levantam no Coração de Maria por ocasião do Mistério da Anunciação*, de 1897 — autores da Patrística, como Santo Agostinho e Tomás de Aquino, e saberes bíblicos provindos dos únicos dois livros que levava consigo: *A Vulgata* em versão bilíngue e a *Missão abreviada para despertar os descuidados, converter os pecadores e sustentar o fruto das Missões*, do padre Manuel José Gonçalves Couto. Inclusive, seu epíteto surge de uma dessas leituras. “Para o padre Couto, toda povoação deveria ter um missionário, de preferência um sacerdote, e ‘na falta dele qualquer homem ou mulher que saiba ler bem, e duma vida

¹³⁸ GALVÃO, Walnice Nogueira. No calor da hora. Recife: Cepe, 2019. p. 92.

¹³⁹ CF: Antônio Conselheiro, *Antônio Conselheiro por ele mesmo*, org. Pedro Lima Vasconcellos. São Paulo: Melhoramentos, 2017. Calendário da contracapa.

exemplar’ para conduzir o povo em orações e lhe dar instruções religiosas”¹⁴⁰.

Seu primeiro escrito que temos notícia, *Os Apontamentos...*, data de 1895. Ele é escrito após a fracassada missão dos frades italianos, que invadem o arraial tentando fazer o líder religioso e seus seguidores a se submeterem à autoridade eclesiástica. Trata-se do nome dado ao último terço de um dos cadernos encontrados após a queda do arraial, enquanto os soldados vasculhavam em busca do cadáver do seu autor. O livro discorre sobre os mandamentos divinos, sobre o livre arbítrio e a falibilidade humana, sobre o amor de Deus e sobre sua justiça. Seu segundo texto, publicado na década de 1970 por Ataliba Nogueira, foi concluído em 12 de Janeiro de 1897, enquanto a vila se preparava para a segunda investida da República. Neste texto, que Afrânio Peixoto dá a Euclides como presente anos depois, contém “*A vida de Jesus Cristo e da sagrada família sob a ótica da Virgem Maria, seguido de ‘Os dez mandamentos da lei de Deus’*”¹⁴¹ e também de textos políticos, como o sermão “Sobre a República”, onde o Conselheiro discorre sobre o regime que era contrário à vontade de Deus e, sendo assim, condenado a desaparecer. O relato da Paixão de Cristo presente na obra, como explica Roberto Ventura, nos permite supor que o beato sertanejo enxergava uma relação entre o extermínio de seu arraial e o sacrifício exemplar de Cristo¹⁴².

Embora tenha tido acesso aos textos, Euclides não os leu. O primeiro foi encontrado quando o autor não mais se fazia presente no arraial, no fatídico dia 5 de Outubro que marcou a queda de Canudos. O segundo, mesmo tendo sido ofertado ao engenheiro militar, virou um artigo de enfeite em sua biblioteca, após pouco interesse em seu conteúdo. O fato é que, ainda assim — como parte da sua operação literária de *Os Sertões*, onde comumente se diz presente em cenas que não presenciou, se caracterizando como narrador onisciente — Euclides diz conhecer sua retórica através de ignotas testemunhas, e a definia como “bárbara e arrepiadora”. O autor também se baseia em poemas e profecias que recolheu durante sua visita a

¹⁴⁰ VENTURA, Roberto. *Euclides da Cunha: esboço biográfico*. 2. ed. ampl. Organizado por Mário César Carvalho e José Carlos Barreto de Santana. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 219

¹⁴¹ IBID., p. 220.

¹⁴² IDEM.

Canudos e que anotou em sua caderneta de campo, dos quais também achou duas profecias apocalípticas que julgou ser do Conselheiro: a profecia das nações e a profecia de Jerusalém. Na primeira, vemos uma narrativa sobre o fim do mundo a partir da chegada de um anjo, que faria sermões pelas portas, povoações nos desertos, fundaria cidades e igrejas dando seus conselhos, tal como fazia o Conselheiro; já a profecia de Jerusalém percorre todo o império brasileiro e deságua em uma belíssima passagem, replicada pelo autor em *Os Sertões*:

“...Em 1896 ha de vir rebanhos mil correndo do centro da Praia para o certão; então o certão virará Praia e a Praia virará certão.
Em 1897 haverá muito pasto e pouco rasto e um só Pastor e um só rebanho.
Em 1898 haverá muitos chapéus e poucas cabeças.
Em 1899 converterá-se as águas em sangue e o planeta há de aparecer no nascente com o raio do Sol que o ramo se confrontar com a terra e a terra em algum lugar se confrontará no ceo...
Há de chover uma grande chuva de estrellas e ahi será o fim do Mundo.
Em 1900 se apagarão as luzes. Deus disse no Evangelho: eu tenho um rebanho que anda fora de aprisco e é preciso que se reunam, porque há um só Pastor e um só rebanho!”¹⁴³

Embora tenha anotado tudo de maneira fiel em sua caderneta de campo, passou para seu livro com algumas partes ocultadas, mas sempre reservando sua essência. Uma das informações ocultadas no livro é que esta profecia é datada de 24 de Janeiro de 1890, e muito embora o autor a tenha associado ao Conselheiro, este só chegaria no arraial em 1893. Esse tipo de omissão sugere a importância, para Euclides, de manter não só o Conselheiro, como os sertanejos de Canudos, dentro de uma cadeia de acontecimentos que justifique o “messianismo da raça”.

A mudança de opinião de Euclides em relação ao Conselheiro acontece a partir do que Roberto Ventura define como a passagem da percepção do arraial de uma incultura para uma contracultura, passando, antes, para o estado atual de extracultura¹⁴⁴. Nos seus fervorosos artigos de 1897, Euclides tentou mostrar, a partir de uma análise naturalista, que os sertanejos eram figuras ausentes de dimensão própria¹⁴⁵, totalmente influenciados por fatores naturais e por monarquistas eventuais que os

¹⁴³ CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Edição de Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Ubu, 2019. p. 162-3.

¹⁴⁴ “A nossa vendéia”: *Canudos, o mito da revolução francesa e a formação de identidade cultural no Brasil*. In: Rev. Inst. Est. Bras. São Paulo: 31, p. 136, 1990.

¹⁴⁵ IDEM

tentavam seduzir. No seu livro vingador, contudo, Euclides busca se afastar da concepção de que Canudos fazia parte de uma conspiração política, e para isso tenta mostrar que o fato do Conselheiro e seus seguidores rejeitarem a República se dava por questões evolucionistas, uma vez que esta seria uma “abstração inacessível” ao jagunço¹⁴⁶, mas por seu atavismo. Os sertanejos, afirma, estariam em uma fase evolutiva onde seriam inimigos da Monarquia e da República, pois para eles “só é conceptível o império de um chefe sacerdotal ou guerreiro”¹⁴⁷. A análise de Ventura sobre tal transformação é precisa:

“Se considerarmos que toda cultura define e delimita sua identidade a partir das relações entre ela e o campo do que lhe é culturalmente externo, pode-se afirmar que a questão básica, para Euclides, é a construção de um modelo interpretativo, capaz de dar conta das relações e conflitos entre uma dada cultura e aquilo que esta define como sua “extre-cultura”. Essa construção tem o objetivo de evitar os equívocos advindos da projeção de critérios culturais e políticos (como a oposição entre monarquia e república) a contextos sociais em que estes não apresentariam pertinência, ou seja, não estariam linguística e ideologicamente marcados. Sua hesitação acerca da “justeza” ou “defeitos”, enfim, da legitimidade da metáfora da Vendéia, indica a busca de uma perspectiva que permita incorporar ao discurso escrito, inserido em uma *episteme* pós ilustrada (cientificista e naturalista), elementos culturais e sociais pertencentes a uma outra ordem. Trata-se, para ele, de indagar o estatuto desta ordem, de forma a defini-la como “contracultura” (cultura em relação de negação quanto ao paradigma da cultura oficial, mas reconhecida por esta como portadora de critérios próprios de estruturação e ordenação) ou enquanto “incultura” (reunião de elementos tidos como providos de estruturação e ordenação, ou seja, agrupamento caótico de termos ausentes de função e sentido).

Sua análise sobre o beato se encerra com a morte dele, findando, também, o livro. O último tópico do penúltimo capítulo do livro fala sobre o aparecimento de seu cadáver: “Removida a breve camada de terra, apareceu no triste sudário de um lençol imundo, em que mãos piedosas haviam desparzido algumas flores murchas, e repousando sobre uma esteira velha de tábuas, o corpo”¹⁴⁸.

Ainda não há, de fato, provas que certifiquem que aquele era realmente o corpo de Conselheiro, contudo, sua cabeça foi removida e levada aos cuidados do médico Nina Rodrigues, que seria responsável pelos estudos na Faculdade de Medicina de Salvador. Em 1905, contudo, um

¹⁴⁶ CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Edição de Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Ubu, 2019. p. 191.

¹⁴⁷ IDEM.

¹⁴⁸ IBID., p. 550.

incêndio na faculdade foi responsável por grande destruição, entre as quais, a cabeça do Conselheiro.

Para além das semelhanças já apontadas entre a biografia dos dois autores — ambos órfãos, ambos professores, ambos dedicados às letras, ambos construtores, ambos assombrados por fantasmas, ambos vítimas de adultério, e, claro, ambos tragicamente mortos em batalha —, o fim do cadáver também foi semelhante: Euclides teve, assim como o Conselheiro, seu cérebro retirado para análise posterior, onde hoje repousa dentro de uma tumba, ao centro do museu que leva seu nome, lotado em sua cidade natal.

3.3 O LIVRO VINGADOR ENQUANTO SÍNTESE

Euclides da Cunha chega a São Paulo no dia 21 de outubro de 1897 e, de lá, parte para a fazenda de seu pai em busca de recuperação, alcançando o destino no dia 30 daquele mês. Como já mencionado, não apenas os veículos de imprensa anunciavam a importância do livro que estava por vir, como o próprio autor já pensava nos contornos que daria à obra que se tornaria seu legado maior. O ponto de partida do livro foi as anotações feitas durante sua atuação como correspondente; mais tarde, essas anotações se juntariam a diversas outras leituras que Euclides incorporaria ao projeto, como os textos sobre o sertão, de Teodoro Sampaio, alguns científicos que teve acesso no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), artigos de jornais sobre a guerra e, não menos importante, diversos outros de literatura — especialmente literatura em língua portuguesa, que sua carreira técnica não lhe permitiu acesso, mas que o autor julgava bastante necessário para desenvolver o impecável domínio gramatical que a obra apresenta.

Com o tempo, o livro começa a ganhar corpo. Alguns meses depois do fim da guerra, em 19 de janeiro de 1898, Euclides publica no jornal *O Estado de S. Paulo* um artigo intitulado “*Excerto de um livro inédito*”, que se tornaria futuramente o famoso capítulo três da segunda parte de *Os Sertões*. Nesse texto, afirma que o “sertanejo é um forte”¹⁴⁹, lançando os primeiros sinais de seu posicionamento a favor dos jagunços massacrados. Ainda que não tenha se manifestado publicamente contra a República, é possível perceber nas entrelinhas do artigo uma inclinação crítica, como se vê logo na frase inicial, na qual, além de exaltar o sertanejo, o compara desfavoravelmente aos “mestiços enervados do litoral”¹⁵⁰.

¹⁴⁹ *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 19 jan. 1898. p. 1. Acervo digital do Estadão.

¹⁵⁰ IDEM.

Neste contexto de transição intelectual e amadurecimento político, o acaso lhe oferece uma oportunidade decisiva: Euclides recebe uma proposta de trabalho e a aceita, para reconstruir uma ponte caída em São José do Rio Pardo. O que poderia parecer apenas um desvio de rota transforma-se no cenário ideal para o florescimento de sua ambiciosa obra. Permanece ali por pouco mais de três anos, tempo em que, conforme escreveu, cumpre “trabalho forçado, à margem de um rio odiento, diante do espantelho de uma ponte desmantelada, ouvindo a orquestra selvagem e arrepiadora das marretas e dos malhos — testemunha contrafeita de um duelo formidando entre o ferro e o aço”¹⁵¹.

Durante esse período, Euclides encontra não apenas tranquilidade para escrever, mas também apoio intelectual e afetivo de amigos que faz na cidade. Ganha destaque a figura de Francisco Escobar, prefeito da cidade e intelectual respeitado, que lhe empresta livros, providencia volumes raros e usa sua influência política para garantir silêncio e sossego ao autor — como no episódio em que atendeu ao pedido de fechamento de um bar barulhento próximo à casa de Euclides¹⁵². Escobar é descrito como a “bondade e a sapiência em pessoa”, uma espécie de enciclopédia viva, sempre disposto a colaborar sem qualquer vaidade. Sua contribuição, sobretudo moral, sustentou o autor em momentos de dúvida, convencido de que Euclides traria “alguma coisa de novo à literatura brasileira”¹⁵³.

Essa rede de apoio revelou-se essencial. Euclides chegara à cidade com poucos pertences e uma biblioteca bastante modesta, claramente insuficiente para a magnitude do projeto que pretendia concluir. Como ressaltam relatos da época, seus amigos sabiam que ele aportara ali “apenas com o que tinha na cabeça”. Com o objetivo de auxiliar o autor, passaram a promover reuniões em sua casa ou na de Escobar, durante as quais liam trechos da obra em voz alta. Surgiam sugestões e críticas, das quais Euclides raramente se valia, especialmente no que dizia respeito à construção sintática ou à escolha de palavras. Ainda que os termos fossem arcaicos ou

¹⁵¹ VENTURA, Roberto. *Euclides da Cunha: esboço biográfico*. 2. ed. ampl. Organizado por Mário César Carvalho e José Carlos Barreto de Santana. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 194.

¹⁵² CF: ANDRADE, Olímpio de Souza. *História e interpretação de Os Sertões*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2002. p. 286.

¹⁵³ IBID pág. 230.

difíceis, acreditava que apenas eles transmitiam com precisão o sentido desejado. Como ele mesmo explicou: “Que me importa a mim que o leitor esteja na leitura corrente se a impressão que lhe dou com esse termo esquecido é a mais verdadeira, a mais nítida e, em verdade, a única que eu queria lhe dar?”¹⁵⁴.

Embora vivesse tempos muito produtivos, enquanto sua obra literária ganhava fôlego, sua produção jornalística declinava. A rotina exaustiva de engenheiro e escritor compromete sua colaboração com *O Estado de S. Paulo*. Em 1898, envia apenas quatro artigos ao jornal; em 1899, nenhum; em 1900, três; em 1901, dois; e em 1902, quatro. A regularidade só seria retomada em 1904, após sua demissão do serviço de saneamento em Santos, quando publica oito ensaios entre maio e agosto — mais tarde reunidos em *Contrastes e Confrontos*, publicado em 1907¹⁵⁵.

É nesse intervalo que *Os Sertões* toma forma definitiva. A primeira versão ficou pronta em dezembro de 1899¹⁵⁶, pouco mais de um ano após o início do projeto, como relata em carta a seu amigo Porchat¹⁵⁷. Ainda assim, Euclides demonstrou incômodo com o fato de ter consolidado os acontecimentos apenas no fim daquele ano, quando o episódio de Canudos já não ocupava mais o centro das atenções. Tal incômodo aparece na famosa *Nota Preliminar* do livro, na qual explica que, embora o projeto inicial fosse relatar a campanha militar, o distanciamento temporal o forçou a alargar a perspectiva. O livro agora pretende, também, mapear — ainda que de maneira “pálida” — os “traços atuais mais expressivos das sub-raças sertanejas do Brasil”, cuja extinção ele prevê diante das exigências da crescente Civilização e da sua “instabilidade de complexos de fatores

¹⁵⁴ IBID, pág. 258.

¹⁵⁵ VENTURA, Roberto. *Euclides da Cunha: esboço biográfico*. 2. ed. ampl. Organizado por Mário César Carvalho e José Carlos Barreto de Santana. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 197.

¹⁵⁶ IBID, pág. 199. Embora o fato possa parecer assustador devido ao pouco tempo de confecção que teve, é importante ressaltar que Euclides chega em São José do Rio Pardo, em 1898, com provavelmente mais de 100 páginas escritas, ou seja, já possuía a primeira parte do livro, A Terra, completa, e algumas coisas do segundo terço, O Homem. Para estas informações, CF: de Souza Andrade, Olímpio. *História e Interpretação dos Sertões*, pág. 259

¹⁵⁷ “O meu decantado livro, feito em quartos de hora, através das perturbações de outros trabalhos está, afinal, pronto. Preciso, porém, revê-lo — principalmente para lhe dar alguma continuidade” CF: *Correspondência Euclides da Cunha*, p. 117.

múltiplos [...] aliadas às vicissitudes históricas e à deplorável situação mental em que jazem”¹⁵⁸.

Para atingir tal profundidade, Euclides dedica-se, entre 1899 e 1902, ao estudo da literatura nacional e portuguesa, área até então marginal em sua formação técnica. Embora versado em literatura francesa, filosofia e ciências, pouco conhecia da tradição portuguesa e brasileira. Como observa Olímpio de Souza Andrade, sua obra exigia não apenas domínio temático, mas também obediência às “leis invioláveis da língua”¹⁵⁹. Foi auxiliado por seus amigos, que ouviram suas leituras, questionaram suas ideias e o ajudaram a moldar a linguagem do texto. Impressionava sua rápida absorção de autores, como Alexandre Herculano¹⁶⁰, o que só aumentava o entusiasmo dos colegas e a dedicação coletiva à obra.

A obra finalmente é lançada, em dezembro de 1902. Seu sucesso foi imediato: Euclides “deitou obscuro e acordou célebre”¹⁶¹, como relatou Silvio Romero em sua famosa crítica. Na ocasião, trabalhava em Lorena, como chefe do 2º Distrito de Obras Públicas. Mesmo após as revisões feitas por ele e seus amigos, dedicou-se intensamente ao lançamento, que se aproximava com o tempo: passou dias e noites na Companhia Tipográfica do Brasil, no Rio de Janeiro, realizando 37 correções nos cerca de 1.200 exemplares impressos — 12 acréscimos e 25 supressões —, totalizando mais de 44 mil emendas feitas com bico de pena, raspadeira, tipos móveis e ponta de canivete. O impulso para essa revisão veio de uma carta de Escobar, que apontava erros de acentuação, pontuação e concordância¹⁶².

Apesar do êxito editorial, Euclides temia a recepção crítica. Preocupava-se tanto com a análise de José Veríssimo, prevista para sair no *Correio da Manhã* no dia seguinte ao lançamento, quanto com a reação dos oficiais criticados no livro. Saída a crítica, Veríssimo, de fato, mostra-se

¹⁵⁸ CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. Edição crítica organizada por Walnice Nogueira Galvão. 2. ed. São Paulo: Ubu Editora; São Paulo: Edições Sesc, 2019. p. 10.

¹⁵⁹ ANDRADE, Olímpio de Souza. *História e interpretação de Os Sertões*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2002. p. 237.

¹⁶⁰ IBID., p. 244

¹⁶¹ Romero, Silvio. *Euclides da Cunha* IN: CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. Edição crítica organizada por Walnice Nogueira Galvão. 2. ed. São Paulo: Ubu Editora; São Paulo: Edições Sesc, 2019. p. 638.

¹⁶² VENTURA, Roberto. *A terra, o homem, a luta: um guia para a leitura de “Os Sertões”, de Euclides da Cunha*. 1. ed. São Paulo: Três Estrelas, 2019. p. 21.

reticente quanto à linguagem adotada, que julgava excessiva em “tecnicismos, arcaísmos e neologismos”¹⁶³. Ainda assim, outras vozes importantes vieram em sua defesa: Araripe Júnior o considerou “um gênio trágico” comparável a Xenofonte e Dostoiévski¹⁶⁴, enquanto Sílvio Romero destacou seu “espírito do sentir nacional”, em contraste com autores que seriam “de muito bom gosto em Sorbona”, como Graça Aranha e Domício da Gama¹⁶⁵. Esse reconhecimento se transformou em honrarias, com Euclides, em abril de 1903, apenas cinco meses depois do lançamento, sendo eleito sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Nove meses depois, foi escolhido para ocupar a cadeira nº 7 da Academia Brasileira de Letras, cujo patrono era Castro Alves¹⁶⁶.

O êxito de *Os Sertões* permanece, ainda hoje, atrelado não apenas à pluralidade de temas — como as dicotomias entre civilização e barbárie, litoral e sertão, ciência e fé, Europa e Brasil profundo —, mas, principalmente, à maneira como Euclides abordou tais temas. Tal posicionamento crítico só foi possível após a mudança de perspectiva que este trabalho procurou evidenciar.

Na já citada *Nota Preliminar*, ele antecipa essa postura, revelando que o livro é, antes de tudo, uma denúncia contra o Exército, a Igreja, a República e, sobretudo — pelo menos de maneira implícita —, contra si próprio, por sua omissão enquanto correspondente. A obra assume, assim, o papel de uma confissão pública, a maior *mea-culpa* da literatura brasileira (GALVÃO, 2002). Isso se expressa na forma como narra os acontecimentos: reconhece o massacre, denuncia o tráfico de mulheres e crianças, relata degolas de prisioneiros e abandona tanto a comparação entre Canudos e a Vendéia quanto a visão otimista que fazia do progresso. Sua nova abordagem exalta os sertanejos como vítimas e os descreve com adjetivos

¹⁶³ Veríssimo, José. *Uma história dos sertões e da campanha de Canudos*, in: CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. Edição crítica organizada por Walnice Nogueira Galvão. 2. ed. São Paulo: Ubu Editora; São Paulo: Edições Sesc, 2019. p. 634-5.

¹⁶⁴ VENTURA, Roberto. *A terra, o homem, a luta: um guia para a leitura de “Os Sertões”, de Euclides da Cunha*. 1. ed. São Paulo: Três Estrelas, 2019. p. 24.

¹⁶⁵ Romero, Sílvio. *Euclides da Cunha* IN: CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. Edição crítica organizada por Walnice Nogueira Galvão. 2. ed. São Paulo: Ubu Editora; São Paulo: Edições Sesc, 2019. p. 638.-9.

¹⁶⁶ falar sobre a relação entre castro alves e o pai de Euclides.

diversos e sempre plurais, marcando a distância entre a perspectiva inicial do repórter e a maturidade crítica do escritor¹⁶⁷.

No desenvolvimento de *Os Sertões*, revela-se, de forma singular, a estrutura narrativa pensada pelo autor para cumprir sua tarefa. Desde as primeiras páginas, Euclides da Cunha se coloca como mais do que um simples narrador: ele é um observador científico e filosófico, claro, mas também um poeta. Os dois primeiros capítulos — “A Terra” e “O Homem” — não apenas introduzem o espaço físico e os elementos naturais do sertão, mas também estabelecem as bases de uma reflexão que ultrapassa os limites da geografia e da biologia. A terra condiciona os corpos, e os corpos, por sua vez, moldam as disposições psicológicas da raça. A análise do Brasil, para Euclides, não poderia prescindir de uma investigação profunda das condições mentais e morais do seu povo.

Toda tentativa de compreender o país exigiria, em sua visão, uma leitura psicológica das raças que o compõem. É nesse processo que Euclides se revela um verdadeiro cientista — fiel às principais doutrinas científicas de sua época, mas também capaz de ultrapassá-las. Ele não as repele, mas as tensiona, mostrando que não são suficientes para compreender a complexidade do sertão e, por extensão, do próprio Brasil. Afinal, segundo ele, o sertanejo — formado nesse espaço hostil, porém singular — seria o representante mais legítimo da identidade nacional.

Chama atenção o fato de que, embora profundamente influenciado pelo evolucionismo e pelas doutrinas deterministas do século XIX, Euclides não se rende completamente a elas. Como bem observou Antônio Candido, há em *Os Sertões* uma dimensão trágica que escapa aos limites do simples cientificismo. Diferente de uma leitura meramente causal ou naturalista — como a de Bukle, que via o conflito de raças como mero produto do acaso —, Euclides enxerga ali uma tragédia que remonta os clássicos gregos, marcada pela inevitabilidade do destino e operada por forças silenciosas e celestes que organizam a vida dos seres na terra.

¹⁶⁷ Olímpio de Souza Andrade faz uma ótima análise comparando o texto publicado por Euclides no Estado de São Paulo em 1898 e as alterações que sofreu até ser publicado em *Os sertões*, no famoso capítulo 3 do segundo tomo, em que o autor declara que o sertanejo é um forte. A análise buscou comparar as palavras usadas antes e depois, com as publicadas no livro sendo sempre mais eloquentes e numerosas, ressaltando as antíteses que o autor via nos sertanejos. CF: *História e Interpretação de Os Sertões*, pág.: 261-274.

Essa visão trágica ajuda a contrapor muitas das críticas que o autor recebe, especialmente de alguns intérpretes contemporâneos que, ao se depararem, em uma primeira leitura, com passagens mais explícitas sobre a “raça”, reagem de forma não somente anacrônica, mas limitada, e se espantam com o que lêem. A potência de tal tragicidade com que se expressam as forças silenciosas da natureza, em Euclides, aparece de maneira especialmente poética ao final da primeira parte do livro, quando o autor descreve o corpo de um soldado mumificado — meses após sua morte — em razão da aridez do solo, que sequer permite o trabalho dos vermes. O cadáver, ao lado de seu cavalo, permanece incorrupto, como se desafiasse o tempo e suas mudanças, tal como a Ursa Maior que, como nos lembra Homero, pelo caráter fixo da sua rotação, era incapaz de se banhar no oceano¹⁶⁸.

“O sol poente desatava, longa, a sua sombra pelo chão e protegido por ela — braços largamente abertos, face volvida para os céus — um soldado descansava.

Descansava... havia três meses.

Morrera no assalto de 18 de julho. A coroa da *mannlicher* estrondada, o cinturão e o boné jogados a uma banda, e a farda em tiras, diziam que sucumbira em luta corpo a corpo com o adversário possante. Caíra, certo, derreado-se à violenta pancada que lhe sulcara a fronte, manchada de uma escara preta. E ao enterrar-se, dias depois, os mortos, não fora percebido. Não compartira, por isto, a vala comum de menos de um côvado de fundo em que eram jogados, formando pela última vez, juntos, os companheiros abatidos na batalha. O destino que o removera do lar desprotegido fizera-lhe afinal uma concessão: livrara-o da promiscuidade lúgubre de um fosso repugnante; e deixara-o ali há três meses — braços largamente abertos, rosto voltado para os céus, para os sóis ardentes, para os luazes claros, para as estrelas fulgurantes...”¹⁶⁹

O trecho ilustra o quanto, para Euclides, o sertão escapa a qualquer definição científica da virada do século XIX para o XX. Esse sertão, que após uma enchente de março, floresce as caatingas e abriga numerosos pássaros como as “seriemas de vozes lamentosas”, e as “emas velocíssimas”, em uma bela imagem do paraíso, é o mesmo que, logo em seguida, transforma-se em um cenário apocalíptico, que é o inverso da Jerusalém Celeste bíblica, onde corre um rio sem água — o vaza-barris —, e que, ao invés da árvore central da Vida tem a vegetação arenosa da caatinga,

¹⁶⁸ *Iliada*, XVIII, 487 ss; *Odisseia*, V, 272 ss.

¹⁶⁹ CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. Edição crítica organizada por Walnice Nogueira Galvão. 2. ed. São Paulo: Ubu Editora; São Paulo: Edições Sesc, 2019. p. 106.

com seus espinhos e garranchos que repelem aqueles que se aproximam, castigando seus habitantes pelas secas devastadoras¹⁷⁰. Tal como constata Guimarães Rosa, anos depois, em *Grande Sertão, Veredas*, o sertão euclidiano está em todo lugar e, por isso, escapa a qualquer definição. É exatamente nesse contexto e nessas condições que a tragédia se impõe: A Terra, que abre seu livro, por suas próprias condições, condena os que nela vivem: “O martírio do homem, ali, é o reflexo de tortura maior, mais ampla, abrangendo a economia da vida”¹⁷¹. Euclides, entretanto, não se limita à constatação melancólica dessa realidade — ele também aponta possíveis caminhos para superá-la.

Primeiramente, como já citado em suas reportagens, afirma que o maior legado da guerra de Canudos seria a incorporação do sertanejo — essa raça forte e resistente — à civilização nacional. Trata-se de uma tentativa de integração, de reconciliação entre o Brasil real e o Brasil oficial, nas palavras de Machado que estampam a epígrafe deste trabalho. Em segundo lugar, oferece um exemplo prático e histórico ao citar o que os romanos fizeram na Tunísia: transformaram o deserto. Enquanto no Brasil do final do século XIX e início do século XX já se discutia a construção de açudes para mitigar os efeitos da seca, Euclides já antevia que isso seria insuficiente. Para ele, não bastava conviver com o deserto — era preciso superá-lo. O deserto era o verdadeiro inimigo, o obstáculo que impedia o florescimento daquela civilização esquecida durante mais de três séculos pelo Brasil litorâneo.

Uma outra interessante observação a ser feita a respeito da análise do evolucionismo euclidiano abordado em *Os Sertões*, para além das suas já debatidas camadas biológica e antropológica que permeiam e fundamentam seu livro, é a análise social que ele tenta abarcar. Para além da evolução psíquica que ele propõe, há a questão da evolução material muito evidente em um povo onde, inclusive, floresceu um cristianismo redentor que — a julgar pela escassez material em que viviam — promoverá a salvação do espírito depois dessa vida.

¹⁷⁰ Walnice Nogueira faz uma eloquentíssima análise do sertão de Euclides comparando-o com as escrituras bíblicas no texto *Polifonia e Paixão* in: *Euclidiana*, págs. 38-39.

¹⁷¹ CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. Edição crítica organizada por Walnice Nogueira Galvão. 2. ed. São Paulo: Ubu Editora; São Paulo: Edições Sesc, 2019. p. 69.

A análise material do evolucionismo de Euclides se mostra indispensável à sua análise física e psíquica, pois sua concepção de progresso, compartilhada com as grandes mentes do século XIX, era de que o desenvolvimento material redimiria a existência humana. Isso o leva a afirmar, por exemplo, que a “nossa evolução biológica reclama a garantia da evolução social”¹⁷², pois, sem a garantia da evolução social e material prometida pela Civilização, estaríamos fadados a desaparecer. Na realidade brasileira, afirma Euclides, essa disparidade material começa já na concessão das sesmarias, que teriam definido a “feição mais durável do nosso feudalismo tacanho”:

“Os possuidores do solo, de que são modelos clássicos os herdeiros de Antônio Guedes de Brito, eram ciosos dos dilatados latifúndios, sem raia, avassalando a terra. A custo toleravam intervenção da própria metrópole [...] Estes dificultavam a entrada de novos povoadores ou concorrentes e tornavam as fazendas de criação, dispersas em torno das freguesias recém formadas, poderosos centros de atração à raça mestiça que delas promanava.

Assim, esta se desenvolveu fora do influxo de outros elementos. E entregues à vida pastoril, a que por índole se afeiçoaram, os curibocas ou cafuzos trigueiros [...] divorciados inteiramente das gentes do Sul e da colonização intensa do litoral [...] Como que se criaram num país diverso.

A carta régia de 7 de fevereiro de 1701 foi, depois, uma medida supletiva deste isolamento. Proibira, cominando severas penas aos infratores, quaisquer comunicações daquela parte dos sertões com o Sul, com as minas de São Paulo. Nem mesmo as relações comerciais foram toleradas. interditas as mais simples trocas de produtos.”¹⁷³

Ou seja, segundo as categorias utilizadas pelo autor, para além dos fatores geográficos, os fatores sociais incidiram de forma decisiva para o isolamento não só racial, mas material e social dos sertanejos¹⁷⁴.

¹⁷² IBID., p. 79.

¹⁷³ IBID., 107-9.

¹⁷⁴ Leopoldo Bernucci coloca uma nota bastante interessante, de Pereira da Costa, na sua edição dos sertões, a respeito das sesmarias, que diz o seguinte: “No seguinte ano de 1701, tendo o governo em vista manter a estabilidade das povoações do sertão e o desenvolvimento da sua população, que se ia rareando pela corrente de imigrantes que corria para as lavras das capitânicas do Sul, proibiu expressamente por Carta Régia de 7 de fevereiro — toda e qualquer comunicação dos sertões de Pernambuco com as minas de São Paulo, e que se não mandasse para elas nem gado e nem mantimentos de qualidade alguma”. Essa preocupação com a ocupação do interior do Brasil permaneceu ressonante

Além da narrativa determinista do escritor, ressoa na obra, também, seu espírito de poeta. As duas primeiras partes de *Os Sertões* e o currículo de seu autor, podem sugerir que Euclides foi apenas um homem guiado inteiramente pelas ciências; contudo, o livro encontra sua força narrativa nas artes — muito pela desconfiança que tinha nas leis da ciência, que costumavam “abstratas e irredutíveis”, e muitas vezes insuficientes na busca por definições. As leis antropológicas, lembra, serviam para orientar na busca pela verdade, mas não deviam ser tomadas sozinhas, afinal, as leis das ciências se dobravam “à pressão dos dados objetivos”. Graças a essa desconfiança e à força do exímio narrador — a força de poeta ¹⁷⁵ —, seu livro sobreviveu ao tempo.

Euclides foi devedor da literatura não somente no que diz respeito à maneira de narrar, mas também e, principalmente, na maneira como fazê-la. Comumente atribui-se à estrutura de *Os Sertões*, dividido entre *A Terra*, *O Homem* e *A Luta*, o esquema do naturalista Hippolyte Taine, que previa que a história de um povo seria determinada por três fatores: o meio, a raça e o momento, resultante das duas primeiras causas¹⁷⁶. Contudo, embora seja difícil mapear a cronologia de leitura do autor pela falta de informações a respeito, um fato que se tira da análise de suas obras é que a primeira citação que faz, em seus trabalhos, ao crítico francês, é na *Nota Preliminar* de *Os Sertões*. O que essa informação, aliada ao já citado prefácio primevo da obra¹⁷⁷, pode sugerir, é que Euclides pode ter tido acesso a estrutura que implementa em seu livro em uma outra obra. Um livro contemporâneo ao de Taine, lançado pouco tempo depois, não só o ajudou a traçar paralelos entre Canudos e a Vendéia em seus famosos artigos e, posteriormente, em *Os Sertões*, como mostrou a importância que o território teve no embate entre os *chouans* e os azuis; também apresentou a Euclides um narrador onisciente, que por meio de seus comentários, se mostrava a favor dos republicanos, mas que em nenhum momento retratou seus adversários como vilões; antes, todos eram vistos como idealistas de moral elevada, no meio

até o final do século XIX com a corrida expansionista da Europa, contando com nomes como Rui Barbosa e o próprio Euclides da Cunha, que com seu plano de colonizar a Amazônia, tentava sanar isso.

¹⁷⁵ CF: *História e Interpretação de Os Sertões*, p. 294

¹⁷⁶VER: VENTURA, Roberto. Visões do deserto: selva e sertão em Euclides da Cunha. História, Ciências, Saúde : Manguinhos, v. 5, p. 133-147, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0104-59701998000400008>.

¹⁷⁷ Cf: pág 47-8 do presente trabalho.

das barbaridades da guerra: o livro em questão é o *Quatrevingt-treize*, de Victor Hugo.

O primeiro livro da terceira parte da obra de Hugo, que trata da Vendéia, é dedicado à descrição atenta das sete florestas da Bretanha e a sua importância para a revolta sacerdotal que, auxiliada pela mata densa francesa, conseguia se manter de pé. Conta Victor Hugo que os camponeses que viviam naquela região, vítimas de um “excesso de progresso furioso” e, por isso, tomados pelo pavor, já tinham suas tocas prontas quando “a República francesa começou a jorrar”¹⁷⁸.

A história da guerra da Vendeia, afirma Hugo, merece ser contada, mas somente será plenamente satisfeita se a lenda — que, tal como a história, carrega sua verdade — for companheira dos fatos históricos; isso porque, enquanto a história buscará dar conta do conjunto, a lenda dará conta do detalhe¹⁷⁹. Segundo sua análise, para entender tal batalha, seria necessário entender o antagonismo entre uma República que representava uma “melhoria desmesurada e ininteligível”, e um camponês simples, que apresentava:

“um olhar claro e cabelos longos, vivendo de leite e de castanhas, limitado a seu telhado de colmo, sua cerca e sua vala, distinguindo cada vilarejo da vizinhança ao som dos sinos, usando a água apenas para beber, vestido com um casaco de couro com arabescos de seda, inculto e bordado, tatuando os trajes como seus ancestrais celtas tatuavam o rosto, respeitando o mestre em seu carrasco, falando uma língua morta, o que significa fazer o pensamento morar em um túmulo, espetando seus bois, afiando sua foice, capinando seu trigo negro, amassando seu pão de sarraceno, venerando em primeiro lugar seu arado, depois sua avó, acreditando na Virgem Santa e na Dama Branca (referência ao fantasma da ópera de Boïeldieu, *La Dame Blanche*), devoto do altar e também da pedra alta e misteriosa erguida sobre o pântano, lavrando na planície, pescando na costa, caçando matagal, amando seus reis, seus senhores, seus padres, seus piolhos; pensativo, muitas vezes imóvel durante longas horas na grande praia deserta, sombrio ouvinte do mar.”¹⁸⁰

Segundo a hipótese que busquei apresentar, Hugo propõe, como maneira imprecindível de descrever a guerra da Vendéia a análise do seu território; depois a análise dos *chouans*, que longe de serem vilões, eram

¹⁷⁸HUGO, Victor. *Noventa e Três*. Tradução de Mauro Pinheiro. 1. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2023. p. 191-3.

¹⁷⁹IBID pág. 190.

¹⁸⁰IDEM.

vítimas do progresso, encarnado na imagem da República. Com isso, busquei mostrar que, embora os cientistas e as correntes científicas contemporâneas a Euclides apresentem demasiada importância para o pleno entendimento de sua obra, é importante ressaltar, também, os romancistas que faziam parte do repertório do autor, não apenas pela semelhança em que se opera a maneira de narrar de Euclides — o trecho citado acima, por exemplo, pode confundir um leitor desavisado que não se trata de uma definição de da Cunha sobre os sertanejos — mas também pelo método em que essa narrativa se propõe a oferecer suas respostas. Afinal, um outro ótimo exemplo que reforça tal argumento, e que acredito ser suficiente para terminar de ilustrar minha hipótese, é a indignação do então correspondente com aqueles militares que, a tirar pelos de alta patente, tiveram a mesma grade curricular que ele, mas que não tentaram pensar estratégias que levassem em consideração a consonância entre a vegetação e a topografia do sertão no auxílio das táticas sertanejas, o que levou não apenas à imensa baixa de contingente que sofreram as tropas republicanas, como também alimentou lendas de que os sertanejos poderiam ser fantasmas¹⁸¹ — faltavam-lhes, para a surpresa de Euclides, o repertório literário necessário para a empresa.

Fato curioso e cômico disso é que Euclides, ainda que tenha em Victor Hugo a figura máxima da literatura, e tendo dedicado alguns artigos

¹⁸¹Momento marcante da construção de *Os Sertões* foi quando, ao fim da terceira expedição, em um momento marcado por fortes baixas, pelo fato do líder militar, o heróico Moreira César, jazer morto e, não sem menos importância, pelo fato de seus adversários, escondidos na vegetação, atirarem sem serem vistos, ou mesmo surgirem das matas, com facas, degolando no susto, os soldados começaram a alimentar lendas sobre os sertanejos. Como explica Euclides, muitos deles, vindos do Norte, já conheciam as histórias místicas que envolviam a figura de Antônio Conselheiro, com seus diversos milagres e feitos fantásticos, e por isso imaginavam que seus guerreiros, além de fantasmas, eram, também, zumbis (usando uma terminologia contemporânea), pois alguns desses soldados relataram que viram guerreiros sertanejos, mortos no Cambaio, levantarem e continuarem a batalhar. Tomados pelo medo, batem em retirada infrene, deixando não apenas seus pertences jogados pelo ar, como também o corpo de seu falecido líder, o Coronel Moreira César. Nas palavras de Euclides: “E foi uma debandada. Oitocentos homens desapareciam em fuga, abandonando as espingardas; arriando as padiolas, em que se estorciam feridos; jogando fora as peças de equipamento; desarmando-se; desapertando os cinturões, para a carreira desafoçada; e correndo, correndo ao acaso, correndo em grupos, em bandos erradios, correndo pelas estradas e pelas trilhas que as recortam, correndo para o recesso das caatingas, tontos, apavorados, sem chefes... Entre os fardos atirados à beira do caminho ficara, logo ao desencadear-se o pânico — tristíssimo pormenor! — o cadáver do comandante. Não o defenderam. Não houve um breve simulacro de repulsa contra os inimigos, que não viam e adivinhavam no estrídulo dos gritos desafiadores e nos estampidos de um tiroteio irregular e escasso, como o de uma caçada. Aos primeiros tiros os batalhões diluíram-se.” Para isso, CF: *Os Sertões*, pág. 487-8.

elogiosos ao autor, não deixou-o passar por seus escritos de maneira acrítica — como tudo em sua vida. Segundo relatou, em nota publicada pela comemoração ao 5º aniversário de morte do autor francês, Hugo não teria sido o homem do século por um motivo simples: em sua obra, faltou a Ciência.

O homem do século, portanto, capaz de unir ciência e arte na sua mais perfeita harmonia, equilibradamente tensionada, surgiria apenas em 2 de dezembro de 1902, o Maudsley brasileiro, único capaz de narrar as loucuras e os crimes da nossa nacionalidade¹⁸².

¹⁸² Ver: *História e Interpretação de Os Sertões*, p. 371.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS — TUDO EM VOLTA ESTÁ DESERTO

4.1 CONCLUSÃO

As grandes guerras do século XIX foram as responsáveis por criar uma grande crise na episteme da modernidade. Os horrores de tais eventos, inéditos no mundo pela potencialização que a tecnologia os deu, colocaram em questão todas as utopias criadas durante a *belle époque*, e no ideal de progresso que tanto embalaram a intelectualidade do ocidente.

Em um texto seminal, datado de 1915, Freud discorre sobre a desilusão e melancolia provenientes da Primeira Guerra, onde até “a ciência perdeu sua desapaixonada imparcialidade”, pois os cientistas agora usavam e desenvolviam armas para a guerra: “O antropólogo tem que declarar o adversário um ser inferior e degenerado, o psiquiatra tem que diagnosticar nele uma perturbação espiritual ou psíquica”¹⁸³.

Esses dois tópicos a que Freud faz alusão, qual sejam, a adesão das ciências na Guerra e a melancolia provocada pela brutalidade devastadora promovida pelos representantes da mais elevada cultura humana — os representantes da civilização —, ecoam, também, na realidade brasileira a qual Euclides fez parte — mesmo alguns anos antes. O evento catastrófico que foi a morte de mais de 20.000 brasileiros que moravam no sertão da Bahia, pelo próprio exército brasileiro, deixou Euclides desprovido de referências as quais pudesse se consolar. Sendo assim, retorna para São Paulo como os soldados silenciosos descritos por Benjamin em *Experiência e Pobreza*: mais pobres em experiências comunicáveis que o contrário.

Sintomático desse momento foi um poema heróico-burlesco, inconcluso, com mais de 160 versos, escrito pelo autor em algum momento entre 1902-1903¹⁸⁴, chamado *O paraíso dos médiocres (uma página que*

¹⁸³ Freud, Sigmund. *Considerações atuais sobre a guerra e a morte*. In: Freud (1914-1916) - Obras completas volume 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos. Trad: Paulo César de Souza. São Paulo, Cia das Letras, 2010. p. 210.

¹⁸⁴ CUNHA, Euclides da. *Poesia reunida*. Organização de F. F. Foot Hardman e L. Bernucci. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p. 229

Dante destruiu). O gênero escolhido, classicamente inferior ao épico e feito de decassílabos heróicos, evocava a intenção do autor em propor uma paródia satírica que colocasse o Brasil e a Divina Comédia como contraponto.

A história, que se passa no inferno, começa com um Euclides perdido e solitário a olhar para o céu anelar que marca o maldito território dantesco. Euclides, no meio da escuridão, depara-se com uma figura iluminada que, sem muito esforço, reconhece: trata-se do bucólico Virgílio. Prontamente o chama e sua voz, ecoando no abismo infindo, e encontrando as paredes da judeca, no nono círculo em que se encontrava, alcança, antes, uma outra figura sorridente e sem rugas, que se identificaria como o purista Marcellus Pomponio, ou seja, aquele que Virgílio “não suportaria”, por ser capaz de “mostrar solecismos nas *Geórgicas*”¹⁸⁵.

O seu não-solicitado guia avisa que, graças ao Deus que Euclides serve, ele foi designado pela tal tarefa de levá-lo para conhecer o Purgatório e o Paraíso, mas que antes o levaria a uma terra ideal, onde reina a Santa Mediania da Virtude: o Paraíso dos Mediócles. Ao chegar lá, após atravessar a vereda escarpada que o levava Marcellus, Euclides se espanta: “mas que belo país aquele, que terra encantadora”, diz, ainda atônito pelo local onde a primavera é infinita e as noites sempre estreladas.

Esta terra das delícias, armada de frutos, cercada pelas serras infindas, de um lado, e pelo Oceano Atlântico, do outro, era, ainda, ignota — tal como o sertão. Contudo, durante o maravilhamento do autor, que se via deslumbrado pela facilidade com que a vida florescia em tal lugar majestoso, onde não haviam perigos naturais, este é acordado por Marcellus, que aponta:

“Aqui o grande é o chato!
Tudo num plano horizontal é enorme
Tudo num plano vertical é mínimo
A pedra, o vegetal, e o [****]¹⁸⁶to e o homem”

A análise de Euclides sobre o Brasil, presente no poema, é um sintoma não só da melancolia do autor, mas também da perda de referências

¹⁸⁵CUNHA, Euclides da. *Poesia reunida*. Organização de F. F. Foot Hardman e L. Bernucci. São Paulo: Editora Unesp, 2009. 280 v. 47

¹⁸⁶ Ilegível.

metafísicas que possuía, como a ideia de progresso ou de civilização. A terra onde tudo é horizontal, na verdade, se espraia para o restante do mundo e não se restringe ao Brasil, uma vez que ao fim da vida até mesmo a Revolução Francesa passou a ser criticada pelo autor, por não ter conseguido garantir a justiça social que prometeu aos seus cidadãos. Seu mundo, antes floreado pelas rosas da revolução e pelas utopias redentoras, se torna estrangeiro. Ele mesmo se torna estrangeiro no mundo, pois já não consegue explica-lo, mesmo que com raciocínios errôneos. Se, como já dito, a Guerra de Canudos, em um primeiro momento, representou a comunhão entre as teorias do autor e os eventos que incendiavam o Brasil, depois se tornou o grande fator que o divorciou da ideia de República.

O cidadão do mundo após experimentar a guerra, diz Freud, está perplexo, pois, com “sua grande pátria tendo desmoronado”, o patrimônio comum tornou-se peça de pilhagem, e “os concidadãos” foram “divididos e envilecidos”¹⁸⁷.

O menino que se viu órfão da mãe na tenra infância, que, como o deus grego Dionísio, passou sua vida como um errante peregrino, por nunca ter tido residência fixa, encontrou como solução para sua solidão, desde muito cedo, os livros. E estes lhe preencheram a erudição, delineando uma personalidade romântica que o permitiu escrever, ainda aos 17 anos, um poema que seria eloquente para a situação que passou nos anos finais de sua vida. O poema, de nome *A selva* retrata um autor que, em sofrimento, busca a redenção na amplitude da sua ideia de natureza; as estrofes que iniciam o poema, são as mesmas que o encerram, dando à ele o mesmo caráter cíclico das vicissitudes humanas — sofridas, mas sempre buscando a redenção:

“Oh! se eu pudesse ir nas florestas ínvias
Tecer o olvido de meu pobre nome!...
Buscar nas auras estivais o bálsamo
À febre - imensa - que a meu ser consome!....

Ir lá bem longe - nos seus seios flóridos
Divinos - cheios de uma vida imensa -
Beber, tremente delirante e ávido
- Uma outra vida - inspiração e crença.....

Galgar febril os levantados píncaros

¹⁸⁷ Freud, Sigmund. *Considerações atuais sobre a guerra e a morte*. In: Freud (1914-1916) - Obras completas volume 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos. Trad: Paulo César de Souza. São Paulo, Cia das Letras, 2010. p. 217.

Que as fronte torvas para Deus levantam
- Perto dos céus ir semear as lágrimas
Chorar as dores que o meu ser quebrantam

Ah! se eu pudesse, ó solidão interminável,
— Poema mudo, divinal, que assombras —
As mentes todas, no teu seio místico -
Lavar - com prantos - da minha alma as sombras

Depois — contente — nos florentes páramos
Lançar-me rindo... e arremessar meus cantos
- Filhos da luz, da mata, altivos, fervidos
Na sublimar mudez dos ermos santos!...

Sim! eu quisera nos desertos áridos
Sem fim, sem luz, imensos, vastos, vastos
Matar a ideia de um passado tétrico;
Lançar a poeira de meus sonhos gastos!...

Porque eu não quero da riqueza os séculos,
Soberbas glórias, rutilantes vestes,
E quero apenas, na floresta, extático
Ouvir cantar as jurutis agrestes!...

E porque quero as rubras, quentes lágrimas,
Que dominar no peito embalde ensaio,
Jorrar alfin nas cumeadas pétreas
Onde a porcelana retempera o raio!

Longe dos homens, de seus vis escárnios
Oh... se eu pudesse reviver ainda
Ouvindo os cantos das esferas lúcidas,
As canções de ouro d'ampidão infinda...

O atroz delírio das cidades lúbricas
Mão?3 -, de minha alma, a crença, a luz consome...
Ah! se eu pudesse ir florestas invias -74
Tecer o olvido de meu pobre nome...¹⁸⁸

Felizmente, o poeta não conseguiu tecer o olvido do seu nome da história.

¹⁸⁸ CUNHA, Euclides da. *Euclides Da Cunha - Poesia Reunida*. São Paulo: Editora Unesp, 2009. pág. 109-0

5. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BIBLIOGRAFIA PRINCIPAL

AMORY, Frederic. *Euclides da Cunha: uma odisseia nos trópicos.*

Tradução de Geraldo Gerson de Souza; apresentação de Leopoldo Bernucci. 1. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

CUNHA, Euclides da. *À margem da História.* 1a ed. São Paulo: Editora UNESP, 2019.

_____. *Backlands: The Canudos campaign.* Translated by Elizabeth Lowe. 1st ed. New York: Penguin Books, 2010.

_____. *Contrastes e confrontos.* In: _____. *Obras completas.* Organiz. Paulo Roberto Pereira. 2 v. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009.

_____. *Diário de uma expedição.* 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. *Ensaio e inéditos.* 1a ed. São Paulo: Editora UNESP, 2018.

_____. *Euclides da Cunha, trabalhos esparsos.* Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Obras completas*. Organiz. Paulo Roberto Pereira. 2 v. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009.

_____. *Os Sertões*. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____. *Os Sertões*. 1a ed. São Paulo: Edições UBU, 2017.

_____. *Os Sertões*. Organização: L. Bernucci. 1a ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

_____. *Poesia reunida*. Organização de F. F. Foot Hardman e L. Bernucci. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

DE SOUZA ANDRADE, Olimpio. *História e interpretação dos Sertões*. 1a ed. Rio de Janeiro: ABL, 2002.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *No calor da hora*. Pernambuco: Editora CEPE, 2019.

GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo (orgs.). *Correspondência de Euclides da Cunha*. São Paulo: Edusp, 1997.

INSTITUTO MOREIRA SALLES. *Cadernos de Literatura Brasileira: Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: IMS, 2002.

LIMA VASCONCELLOS, Pedro. *Antônio Conselheiro por ele mesmo*. 1a ed. São Paulo: Editora É Realizações, 2018.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VENTURA, Roberto. *A terra, o homem, a luta: um guia para a leitura de “Os Sertões”, de Euclides da Cunha.* 1a ed. São Paulo: Três Estrelas, 2019.

_____. *Euclides da Cunha, esboço biográfico.* 2a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ARENDT, Hannah. *Between past and future: eight exercises in political thought.* New York: Penguin Books, 2006.

_____. *Entre o passado e o futuro.* São Paulo: Editora Perspectiva, 2022.

_____. *Origens do totalitarismo.* São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. *Origins of totalitarianism.* Londres: Penguin Books, 2017.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização.* 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. *História concisa da literatura brasileira.* 50a ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2015.

_____. *O positivismo no Brasil: uma ideologia de longa duração.* In: *Do positivismo à desconstrução: idéias francesas na América,* 2004.

CÂNDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos.* 1a ed. São Paulo: Editora Todavia, 2023.

_____. *Literatura e sociedade.* 13a ed. São Paulo: Ouro sobre Azul, 2015.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil.* 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

_____. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. 4a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CORRÊA, Mariza. *As ilusões da liberdade: Escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil*. 1a ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2013.

COSTA LIMA, Luiz. *História. Ficção. Literatura*. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

DE ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 5a ed. São Paulo: Cortez Editora, 1997.

FREUD, Sigmund. *Freud (1914-1916) – Obras completas, volume 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *Euclidiana: ensaios sobre Euclides da Cunha*. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *Euclidianos e conselheiristas: um quarteto de notáveis*. 1a ed. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009.

_____. *Euclides da Cunha: militante da república*. 1a ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2010.

_____. “Euclides da Cunha, precursor”. In: *Revista USP*, São Paulo, n. 82, p. 46-53, jun./ago. 2009.

_____. *O império do Belo Monte: vida e morte de Canudos*. 1a ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Filosofia da história*. Trad. Maria Rodrigues e Hans Harden. 2a ed. Brasília: Editora UnB, 1996.

HERMANN, Jacqueline. *Canudos destruído em nome da República.*

In: *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1996, p. 81-105.

_____. *Canudos: a terra dos homens de Deus.* In: *Estudos Sociedade e Agricultura*, 1997, p. 16-34.

LIMA, Luiz Costa. *Terra ignota: a construção de Os Sertões.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

MURTEL STARLING, Heloisa. *Ser republicano no Brasil colônia: a história de uma tradição esquecida.* 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

PEIXOTO, Natália. *O estigma de uma obra: a trajetória de Euclides da Cunha e suas reapropriações sob o ponto de vista do positivismo e do evolucionismo.* In: *Revista da SBHC*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 173-184, 2007.

RODRIGUES, Nina. *A loucura epidêmica de Canudos: Antônio Conselheiro e os jagunços.* In: *Rev. Latinoam. Psicop. Fund.*, v. III, n. 2, p. 145-157.

SCHWARCZ, Lilia. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870–1930.* 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

VENTURA, Roberto. “A nossa vendéia”: Canudos, o mito da Revolução Francesa e a formação de identidade cultural no Brasil. In: *Rev. Inst. Est. Bras.*, São Paulo, n. 31, p. 129-145, 1990.